

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO ACADÊMICO EM GEOGRAFIA
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO



**A IMPORTÂNCIA DA ANÁLISE DA PAISAGEM PARA O ENSINO DE
GEOGRAFIA: OS *SMARTPHONES* COMO UMA FERRAMENTA NO PROCESSO
DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

Ires de Oliveira Furtado

Pelotas, 2015.

Ires de Oliveira Furtado

**A IMPORTÂNCIA DA ANÁLISE DA PAISAGEM PARA O ENSINO DE
GEOGRAFIA: OS *SMARTPHONES* COMO UMA FERRAMENTA NO PROCESSO
DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Acadêmico em Geografia, do Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Geografia.

Linha de Pesquisa: Ensino de Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Rosangela Lurdes Spironello.

Pelotas, 2015.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

F992i Furtado, Ires de Oliveira

A importância da análise da paisagem para o ensino de geografia : os smartphones como uma ferramenta no processo de ensino-aprendizagem / Ires de Oliveira Furtado ; Rosangela Lurdes Spironello, orientador. — Pelotas, 2015.

86 f. : il.

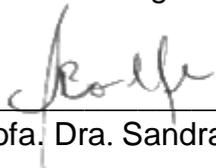
Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2015.

1. Geografia. 2. Ensino-aprendizagem. 3. Paisagem. 4. Fotografia. 5. Smartphones. I. Spironello, Rosangela Lurdes, orient. II. Título.

CDD : 372.89

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Lígia Cardoso Carlos (PPGeo - UFPel)



Profa. Dra. Sandra Ana Bolfe (DEPGEO - UFSM)

Profa. Dra. Rosangela Lurdes Spironello (Orientadora, PPGeo - UFPel)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à professora Rosangela Lurdes Spironello por aceitar orientar esta pesquisa, sendo motivadora e compreensível diante dos obstáculos enfrentados no decorrer do percurso.

Às professoras Lígia Cardoso Carlos e Liz Cristiane Dias que contribuíram significativamente com ideias e sugestões durante a qualificação da pesquisa, que foram essenciais para o avanço da mesma.

À professora Sandra Ana Bolfe por aceitar o convite e participar da banca de defesa, trazendo importantes colocações para o presente trabalho.

À equipe diretiva e aos professores da Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora dos Navegantes, pela participação e compreensão durante o andamento da pesquisa.

Aos alunos, sujeitos da pesquisa, por aceitarem gentilmente participar deste trabalho e pelas importantes contribuições dadas ao mesmo.

A todos o meu muito obrigada!

*Só, caminho pelas ruas
Como quem repete um mantra
O vento encharca os olhos
O frio me traz alegria
Faço um filme da cidade
Sob a lente do meu olho verde
Nada escapa da minha visão.
Muito antes das charqueadas
Da invasão de Zeca Netto
Eu existo em Satolep
E nela serei pra sempre
O nome de cada pedra
E as luzes perdidas na neblina
Quem viver verá que estou ali.*

(Satolep. Composição: Vitor Ramil)

FURTADO, Ires de Oliveira. **A importância da análise da paisagem para o ensino de Geografia: os *smartphones* como uma ferramenta no processo de ensino-aprendizagem.** 2015. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo geral investigar como a paisagem pode ser trabalhada em sala de aula através de fotografias produzidas pelos próprios alunos com as câmeras de seus celulares *smartphones*. Para isto, primeiramente houve uma revisão bibliográfica referente ao estudo da paisagem no ensino de Geografia, bem como sobre a utilização de Tecnologias Móveis e Sem Fio no processo de ensino-aprendizagem. Também foram aplicados questionários a uma turma de nono ano composta por vinte e quatro alunos com idades entre quatorze e dezessete anos de uma escola estadual de ensino fundamental da rede pública estadual de ensino, localizada na cidade de Pelotas/RS. Através das respostas obtidas nos questionários, foi possível averiguar que todos os alunos da turma possuíam celular com câmera integrada e acesso a internet, tanto por Wi-Fi como por redes móveis, esse fato possibilitou o planejamento de uma atividade que utilizou esses dois recursos disponibilizados em todos os aparelhos. Como o assunto para o trimestre, conforme a grade curricular da disciplina de Geografia, era o continente europeu, os alunos foram convidados a fotografarem elementos da paisagem, na cidade de Pelotas que apresentassem algum tipo de influências europeias, devido aos processos de colonização que aconteceram no município, no passado. Com isso, buscou-se analisar as diversas paisagens retratadas pelos alunos, destacando a importância deste tipo de atividade no processo de ensino-aprendizagem da Geografia em sala de aula, mostrando que os *smartphones* podem ser uma ferramenta didática importante no processo de construção do conhecimento geográfico. Foi possível perceber que a análise da paisagem da própria cidade em que os alunos vivem, pode contribuir na percepção que os mesmos têm sobre o mundo, bem como na aprendizagem dos conceitos geográficos, que normalmente parecem tão distantes da realidade, mas que estão presentes em quase todas as ações do cotidiano.

Palavras-chave: Geografia, Ensino-aprendizagem, Paisagem, Fotografia, Smartphones.

FURTADO, Ires de Oliveira. **The importance of landscape analysis for teaching Geography: smartphones as a tool in the teaching-learning process.** 2015. Dissertation (Masters in Geography) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS.

ABSTRACT

This research aims to investigate how the landscape can be worked in the classroom through photographs produced by the students themselves with their mobile smartphone cameras. In order to do that, initially there was a literature review regarding the landscape study in the teaching of Geography, as well as on the use of Mobile and Wireless Technologies in the teaching-learning process. Also, questionnaires were applied to a ninth grade class composed of twenty-four students aged between fourteen and seventeen years old of a public elementary school, located at Pelotas/RS. Through the answers obtained in the questionnaires, it was possible to determine that the students in the class had cell phones with integrated camera and internet access, both through Wi-Fi and mobile networks. This fact enabled the planning of an activity which used these two features available on all devices. Because the subject for the trimester, according to the Geography curricular program, was the European continent, the students were invited to photograph landscape elements in the city of Pelotas that presented some type of European influences, due to the colonization processes that happened in the city, in the past. With that, the several landscapes portrayed by the students were analyzed, highlighting the importance of this kind of activity in the teaching and learning of geography in the classroom, showing that smartphones can be an important teaching tool in the construction process of geographical knowledge. It was possible to see that the analysis of the landscape of the city in which the students live can contribute to the perception they have about the world, as well as learning the geographical concepts that, usually, seem so far from reality, but are present in almost all daily actions.

Keywords: Geography, Teaching-learning, Landscape, Photography, Smartphones.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Mapa da sede do município de Pelotas com a divisão em bairros, indicando a localização da escola locus da pesquisa.	24
Figura 2	Chafariz dos Cupidos, localizado na Praça Cypriano Barcellos, no bairro Centro da cidade de Pelotas/RS.	46
Figura 3	Montagem feita com fotografias de diversos ângulos Mercado Central de Pelotas, localizado no centro histórico da cidade de Pelotas/RS.	49
Figura 4	Fachada do Mercado Central de Pelotas pela Rua Lobo da Costa, no centro da cidade de Pelotas/RS.	49
Figura 5	Fachada do Mercado Central de Pelotas à noite, vista da Rua Lobo da Costa, no Centro da cidade de Pelotas/RS.	50
Figura 6	Fachada do Mercado Central de Pelotas vista da Rua XV de Novembro, possibilitando a visualização das janelas das peixarias.	50
Figura 7	Chafariz das Três Meninas, no cruzamento entre das ruas Andrades Neves e Sete de Setembro, no centro da cidade de Pelotas/RS, durante a noite.	51
Figura 8	Chafariz dos Três Meninas durante o dia, possibilitando a visualização do intenso movimento de pessoas no conhecido Calçadão da cidade de Pelotas/RS.	52
Figura 9	Sobrado principal do Parque da Baronesa, onde encontra-se o museu. Localizado na Avenida Domingos de Almeida, no bairro Areal da cidade de Pelotas/RS.	53
Figura 10	Vila Stela, ou Casa Azul, localizada na entrada do Parque da Baronesa, pela Avenida Domingos de Almeida.	54
Figura 11	Prefeitura Municipal de Pelotas, no centro da cidade de Pelotas/RS.	54
Figura 12	Prefeitura Municipal de Pelotas durante a noite.	56
Figura 13	Chafariz Fonte das Nereidas, localizado no Centro da Praça Coronel Pedro Osório.	57
Figura 14	Detalhe do chafariz Fonte das Nereidas.	57
Figura 15	Praça Coronel Pedro Osório.	58

Figura 16	Exposição das fotografias dos alunos em uma sala de aula	61
Figura 17	Exposição das fotografias dos alunos em uma sala de aula	61

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Quadro para que o aluno assinalasse a frequência de uso de determinadas funções de seu celular	43
Quadro 2	Número de alunos que marcaram cada uma das alternativas	43

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice 1	Termo de consentimento	75
Apêndice 2	Questionário aplicado aos alunos	77

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1	Plano de trabalho docente para o nono ano do ensino fundamental	80
Anexo 2	Conteúdos programáticos para as séries finais do ensino fundamental de 9 anos	83

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

PNCG – Parâmetros Curriculares Nacionais para Geografia

TICS – Tecnologias de Informação e Comunicação

TIMS - Tecnologias de Informação Móveis e Sem Fio

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2. METODOLOGIA DA PESQUISA	21
2.1. Pesquisa de campo	24
2.1.1. <i>Locus</i> da Pesquisa	24
2.1.2. Os sujeitos da pesquisa	26
2.1.3. Coleta de dados.....	27
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	28
3.1. A importância do estudo da paisagem no ensino de Geografia	28
3.2. As tecnologias de Informação Móveis e Sem Fio (TIMS) no cotidiano e a importância da sua inserção em sala de aula	35
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS OBTIDOS NA PESQUISA	40
4.1. As relações dos alunos com os telefones celulares (smartphones).....	40
4.2. Desenvolvimento da atividade e análise das fotografias produzidas pelos próprios alunos.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	69
APÊNDICES	73
ANEXOS	78

1. INTRODUÇÃO

A Geografia é a ciência encarregada de estudar o espaço geográfico, buscando entender as relações existentes entre os seres humanos e o meio em que vivem. O processo de produção do espaço geográfico e as suas recorrentes modificações podem ser observados na paisagem, que se apresenta como a fisionomia desse espaço, carregando diversos elementos da cultura humana.

Ao observar as paisagens dos mais diversos lugares, é possível notar a presença humana ou não naquele local, além de identificar traços culturais de diferentes épocas. Devido a estes motivos, a análise da paisagem se torna um tema-chave para a compreensão do espaço geográfico, e assim, fundamental para o estudo da Geografia.

Diante disto, esse exercício também precisa ser constante no processo de ensino-aprendizagem da Geografia na escola, com a finalidade de fazer com que os alunos compreendam o espaço no qual estão inseridos. Mas para isso, é importante que essa análise também esteja voltada às paisagens as quais os alunos estão habituados em seu dia a dia, que estão tão presentes no seu cotidiano e que parecem não portar sentido no conhecimento escolar, por não fazerem parte, de forma explícita dos conteúdos e livros utilizados na escola.

Para inserir esse tema na sala de aula, buscando interpretar as paisagens que fazem parte da vida dos alunos, busca-se meios que vão além das saídas de campo, pois sabe-se que as escolas públicas carecem de recursos para que atividades como essas sejam constantes no cotidiano escolar.

Nesse contexto, para a presente pesquisa, optou-se pelo uso do celular *smartphone*¹ como uma ferramenta no estudo da paisagem, mais especificamente utilizando a sua câmera integrada como uma forma de registrar paisagens da cidade

¹ “Telemóvel com características semelhantes às de um computador pessoal (agenda eletrônica, acesso à internet e a e-mail, câmera fotográfica, etc.); telefone inteligente”. *Smartphone* in Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico. Porto: Porto Editora, 2003-2015. Disponível em: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/smartphone>.

e discuti-las no âmbito da sala de aula, buscando entender o processo de modificação do espaço retratado, bem como a sua importância e significado atual. Essa escolha pelo celular se deu pelos motivos que serão relatados a seguir.

Ao longo do seu percurso como professora, a pesquisadora tem observado o crescente uso dos smartphones entre crianças e adolescentes nas escolas. Esses aparelhos não limitam-se mais apenas a comunicação por chamadas de voz, pois é possível observar que na maioria do tempo os usuários estão com o celular nas mãos, visualizando a sua tela com fixação, podendo estar jogando, se comunicando por mensagens, lendo notícias de sites na internet ou compartilhando diversas mídias com seus amigos através dos mais diversos aplicativos ou redes sociais.

Essa fixação pelos celulares, que apresentam novas funções e aplicativos a todo momento, leva a maioria dos adolescentes, que são usuários dessas tecnologias, a não controlar o seu uso, tendo o anseio de estar com o celular nas mãos durante todo o tempo, inclusive na escola e durante as aulas.

Diante disso, o celular acabou sendo visto como um vilão pela maioria dos professores, pois ele acaba por despertar a atenção do aluno para um mundo diferente do quadro, do giz e do caderno, um mundo onde ele pode jogar os mais diversos jogos, conversar com amigos que não estão por perto, fotografar, filmar ou ouvir músicas.

Esse fato chegou a fazer com que alguns estados brasileiros sancionassem leis que proíbem o uso do telefone celular em sala de aula, como é o caso do Rio Grande do Sul, que através da Lei 12.884, de 3 de janeiro de 2008, proíbe a utilização de celulares dentro das salas de aula nas instituições de ensino público ou privado, indicando que estes devem ficar desligados durante a aula, mas deixa a fiscalização e tomada de medidas a cargo da instituição.

Essa fiscalização a cargo das escolas tem causado preocupação entre professores e equipes diretivas, pois os mesmos, na maioria das vezes, não sabem como lidar com essa situação e quais medidas devem tomar para que o aluno não utilize o celular durante as aulas. Nesse sentido, a pesquisadora vinha observando informalmente este fato na escola onde atua como professora e também em demais escolas onde possui amigos e colegas professores que relatam situações semelhantes, sobre a grande dúvida de que medidas tomar quanto ao uso do celular em sala de aula.

Diante da observação dessas situações, surgiram alguns questionamentos sobre o uso do celulares smartphones como uma ferramenta didática, com a finalidade de incorporá-los nas atividades de sala de aula, auxiliando o aluno a superar essa necessidade de estar utilizando o celular o tempo inteiro e, o mais importante, construir conhecimento.

Então, se os celulares têm tantos atrativos e estão ao alcance de professores e alunos, por que não utilizá-los para fins didáticos? Já que grande parte das escolas públicas carecem de recursos, por que desperdiçar uma tecnologia que pode ser utilizada na construção de conhecimento? São questões como estas que presente pesquisa busca explorar e responder.

Existem atualmente inúmeras tecnologias que podem ser incorporadas na prática docente com resultados satisfatórios, mas no caso da presente pesquisa, optou-se pelo uso dos celulares por estes estarem visivelmente presentes no dia a dia dos alunos da escola na qual a investigação foi realizada. A escola onde a pesquisa foi desenvolvida possui laboratório de informática, por exemplo, que seria um excelente recurso, mas poucos computadores encontram-se funcionando e nenhum deles têm acesso à internet.

A escolha do celular, como um meio para a construção do conhecimento, visa proporcionar aos alunos um processo de aprendizagem por meio de uma tecnologia de caráter diferenciado do processo habitual, focado no quadro, no giz, nos cadernos, nos livros didáticos e nos textos e outros materiais impressos. Pois os jovens contemporâneos têm “forte relação com os meios de comunicação e informação e fascínio por imagens e movimentos” (CAVALCANTI, 2012, p. 115).

Sendo assim, o problema de pesquisa encaminhado é de como trabalhar a análise da paisagem em sala de aula, utilizando fotografias tiradas pelos próprios alunos com as câmeras de seus celulares smartphones, buscando também compreender como os alunos de uma turma de nono ano do ensino fundamental, de uma escola da rede pública estadual de ensino do município de Pelotas/RS, vivenciam o uso do celular em sua vida pessoal e na escola. Esta turma foi escolhida devido ao distanciamento que os conteúdos da grade curricular apresentam em relação ao cotidiano e a realidade na qual os alunos estão inseridos.

O conteúdo presente na grade curricular do nono ano para o período em que a pesquisa foi realizada era sobre o Continente Europeu, que nos livros didáticos parecem distantes da realidade vivida diariamente pelos alunos, mas que está

fortemente presente nas paisagens do município de Pelotas/RS. Diante disso, foi proposto que os alunos fotografassem paisagens que apresentassem elementos influenciados pela cultura europeia na cidade em que vivem, elementos esses frutos das diferentes colonizações que aconteceram no município ao longo de sua história.

Seguindo esse pensamento propôs-se essa experiência formativa partindo da percepção dos alunos sobre a cidade em que vivem. Pois, de acordo com Castrogiovanni (2012):

Existe ainda pouca aproximação da escola com a vida, com o cotidiano dos alunos. A escola não se manifesta atraente frente ao mundo contemporâneo, pois não dá conta de explicar e textualizar as novas leituras de vida. A vida fora da escola é cheia de mistérios, emoções, desejos e fantasias, como tendem ser as ciências. A escola parece ser homogênea, transparente e sem brilho no que se refere a tais características. É urgente teorizar a vida, para que o aluno possa compreendê-la e representá-la melhor e, portanto viver em busca de seus interesses (p. 12).

É importante que os conteúdos trabalhados em sala de aula tenham ligações constantes com a realidade vivida cotidianamente pelos alunos, pois “a vida cotidiana é um grande livro com o qual se pode aprender sempre” (WETTSTEIN, 2012, p. 132), auxiliando para que esses alunos possam se sentir parte integrante da sociedade e entenderem seu papel como cidadãos.

De acordo com Callai & Zarth (1988),

Estudar o município é importante e necessário para o aluno, na medida em que ele está desenvolvendo o processo de conhecimento e de crítica da realidade em que está vivendo. Ali estão o espaço e o tempo delimitados, permitindo que faça a análise de todos os aspectos da complexidade do lugar[...] É uma escala de análise que permite que tenhamos próximos de nós todos aqueles elementos que expressam as condições sociais, econômicas, políticas do nosso mundo (p. 11).

Devido a isso, a leitura crítica da paisagem mostra-se como uma atividade de grande importância no processo de ensino-aprendizagem da Geografia, pois a mesma não consiste apenas em observar e descrever o que se vê, mas sim entender que a paisagem “é a fotografia do espaço e, como tal, expressa tudo o que existe por detrás dela, quer dizer, sua história, seu movimento, que é resultado do jogo de forças dos homens entre si e desses com a natureza” (CALLAI, 2012, p. 94). Por isso, essa análise aprofundada sobre a paisagem irá permitir entender não só a dinâmica atual do espaço geográfico, mas compreender sobre como esse espaço foi constituindo-se ao longo do tempo.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para a Geografia (PCNG) traçam importantes objetivos para serem alcançados ao longo do ensino fundamental na disciplina de Geografia. Aqui, destacam-se alguns que visam permitir que os alunos sejam capazes de:

- conhecer o mundo atual em sua diversidade, favorecendo a compreensão de como as paisagens, os lugares e os territórios se constroem;
- identificar e avaliar as ações das pessoas em sociedade e suas consequências em diferentes espaços e tempos, de modo que construa referenciais que possibilitem uma participação propositiva e reativa nas questões socioambientais locais; [...]
- valorizar o patrimônio sociocultural e respeitar a sociodiversidade, reconhecendo-os como direitos dos povos e indivíduos e como elementos de fortalecimento da democracia (BRASIL, 2000).

O presente trabalho buscou atender, de certa forma, a esses objetivos, ou pelo menos, abrir uma porta de entrada para a discussão dos mesmos na escola, tendo como objeto principal de estudo a análise crítica da paisagem no âmbito da aula de Geografia. O trabalho também se baseou no plano de trabalho docente (ANEXO 1) da própria escola, que discorre que o objetivo principal da instituição é o de “instrumentalizar os educandos, com vistas a sua efetiva participação no processo de construção e reconstrução do conhecimento, visando o saber e a preservação da cultura local e em consequência, interagir na sociedade como agentes de mudança”.

Para a realização dessa leitura crítica da paisagem em sala de aula, optou-se pelo uso da fotografia como um meio, pois esta tem a capacidade de “desacelerar o olhar” (DANTAS, 2009, p. 5), para enxergar detalhes do cotidiano, que ao olhar acostumado, parecem não portar sentido no processo de modificação do espaço geográfico e na construção do conhecimento em sala de aula.

Pautada nessas ideias, a realização de atividades que incentivem a construção do conhecimento crítico e que auxiliem aos alunos na investigação sobre o lugar onde vivem, entendendo seu papel na sociedade, são de fundamental importância para a sua formação e também darão suporte para que possam continuar interrogando e buscando respostas além da escola.

Nesse contexto, o objetivo geral traçado para a presente pesquisa é o de investigar como a paisagem pode ser trabalhada em sala de aula através de fotografias produzidas pelos próprios alunos com as câmeras de seus celulares

smartphones, ressaltando a importância desse tema para o processo de ensino-aprendizagem da Geografia.

Como objetivos específicos, a presente pesquisa busca investigar, por meio de questionários, as utilizações dos aparelhos celulares por adolescentes de uma turma de nono ano do ensino fundamental, bem como conhecer se os mesmos tem interesse em participar de atividades com o uso do celular para a construção do conhecimento em Geografia; solicitar aos alunos que os mesmos retratem paisagens da cidade onde vivem que gostariam de estudar durante as aulas de Geografia; analisar as diversas paisagens retratadas pelos alunos, destacando a importância deste tipo de atividade no contexto escolar; constatar que, mesmo com as dificuldades enfrentadas pelas escolas públicas, que existe sim a possibilidade de produzir o conhecimento voltado para o cotidiano.

A realização desta pesquisa também pretende mostrar aos alunos que os celulares que eles possuem podem ser uma ferramenta didática importante no processo de construção do conhecimento geográfico, capturando um fragmento de paisagem que auxiliará na sua percepção sobre o mundo, bem como na aprendizagem dos conceitos geográficos, que normalmente parecem tão distantes da realidade nos livros didáticos, mas que estão presentes em quase todas as ações do cotidiano.

2. METODOLOGIA DA PESQUISA

A seguir, será descrito o percurso metodológico que serviu de suporte para que os objetivos desta pesquisa fossem alcançados. De acordo com Gil (2002, p. 17), pesquisa é “o procedimento racional e sistemático que tem por objetivo proporcionar respostas aos problemas que são supostos”. O autor também destaca que toda a investigação científica precisa de “um conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos” (idem, 1999, p.26), ou seja, de uma metodologia científica que auxilie a encontrar as respostas dos questionamentos. Busca-se, então, nesse tópico, descrever o percurso metodológico trilhado para alcançar os objetivos da presente pesquisa.

A presente proposta, encaixa-se no âmbito da pesquisa qualitativa, pois “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 2008, p. 32). Ou seja, trabalha com o que não pode ser quantificado. Nesse contexto, a pesquisa orientou-se por três etapas principais, seguindo o ciclo proposto pela autora Minayo (2008), que se divide em: (1) *fase exploratória*; (2) *trabalho de campo*; (3) *análise e tratamento do material empírico e documental* (p. 26).

Primeiramente, na fase exploratória houve uma revisão bibliográfica referente ao tema da pesquisa, com a finalidade de familiarização com o assunto a ser desenvolvido, analisando as mudanças que se deram no âmbito da ciência geográfica no que se refere a análise da paisagem, bem como a sua importância no ensino escolar.

Nessa etapa também foram pesquisados os processos históricos que levaram a sociedade a estas novas tecnologias que estão presentes no dia a dia, bem como a suas utilizações e mudanças que provocaram no modo de vida. Também por meio desta fase, foi possível observar o estado da arte no qual se encontram as pesquisas voltadas a análise da paisagem no ensino da Geografia, bem como sobre a utilização das Tecnologias de Informação Móveis e Sem Fio (TIMS) na vida cotidiana e também na vida escolar.

Após a construção do referencial teórico básico, pois a revisão bibliográfica ocorre durante todo o desenvolvimento da pesquisa, conforme as necessidades que vão surgindo, foi realizado o trabalho exploratório de campo em uma escola de ensino fundamental da rede estadual de ensino localizada na área urbana de Pelotas/RS. Nessa fase de investigação na escola, foram realizadas entrevistas a alunos de uma turma de nono ano do ensino fundamental, com a finalidade de conhecer se os mesmos possuem telefones celulares smartphones, quais são as utilizações que fazem destes aparelhos e quais são seus anseios e suas expectativas sobre a utilização de tecnologias, como os celulares, na construção do conhecimento. As justificativas da escolha desta instituição de ensino e da turma de aplicação da pesquisa serão apresentadas no item 2.1. do presente capítulo.

Nesta fase também aconteceu a experimentação de atividades no âmbito da Geografia, utilizando os smartphones como um recurso didático. As atividades envolveram a leitura da paisagem através de fotografias tiradas pelos próprios alunos, a pesquisa na internet por meio de redes móveis e também a realização de uma exposição das fotografias em uma mostra de trabalhos realizada pela escola. Essas atividades serão explicadas no capítulo 4 do presente trabalho, que trará os resultados obtidos, bem como as suas análises.

Durante a fase do trabalho de campo na escola, e também posterior a ela, acontece a análise e escrita sobre o material da pesquisa, que tem como finalidade:

Estabelecer uma compreensão dos dados coletados, confirmar ou não os pressupostos da pesquisa e/ou responder as questões formuladas, e ampliar o conhecimento sobre o assunto pesquisado, articulando-o ao contexto cultural do qual faz parte. (GOMES, R., 2008, p. 69).

O trabalho busca oportunizar uma experiência com o uso dos telefones celulares smartphones como recurso didático na Geografia, com objetivo de dar significado ao conteúdo que, de modo geral, parece distanciado da vida real dos alunos, valorizando o que estes consideram importante ser trabalhado em sala de aula. Deste modo, a pesquisa também buscou inspiração na abordagem de pesquisa-ação, que:

É aquela que, além de compreender, visa intervir na situação, com vistas a modificá-la. O conhecimento visado articula-se a uma finalidade intencional de alteração da situação pesquisada. Assim, ao mesmo tempo que realiza um diagnóstico e a análise de uma determinada situação, a pesquisa-ação

propõe ao conjunto de sujeitos envolvidos mudanças que levam a um aprimoramento das práticas analisadas (SEVERINO, 2008, p. 120).

Ou seja, a pesquisa não será apenas uma investigação sobre o já existente, mas também uma proposta de novas práticas que possam auxiliar no processo de construção de conhecimento na escola e fora dela. A pesquisa-ação “...procura unir a pesquisa à ação ou prática, isto é, desenvolver o conhecimento e a compreensão como parte da prática” (ENGEL, 2000, p. 182). A pesquisa-ação traz contribuições valiosas para o ensino, pois os professores podem recorrer a ela com

O intuito de melhorarem o processo de ensino-aprendizagem, pelo menos no ambiente que atuam. O benefício da pesquisa-ação está no fornecimento de subsídios para o ensino: ela apresenta ao professor subsídios raziáveis para a tomada de decisões (ibidem, p. 189).

De acordo com Ghedin & Franco (2011), é possível observar três tipos de conceituações de pesquisa-ação nos recentes trabalhos de pesquisa no Brasil. São elas: a) *pesquisa-ação colaborativa*; b) *pesquisa-ação crítica*, c) *pesquisa-ação estratégica* (p. 213). Com as características descritas pelos autores, a presente pesquisa buscou basear-se na abordagem da pesquisa-ação crítica, que acontece quando:

Se percebe essa necessidade dessa transformação mediante aos trabalhos iniciais do pesquisador com o grupo, como decorrência de um processo que valoriza a construção cognitiva da experiência, sustentada por reflexão crítica coletiva, tendo em vista a emancipação dos sujeitos de das condições que o coletivo considera opressivas, a pesquisa vai se caracterizando pela criticidade (ibidem).

Dessa forma, a presente pesquisa não pretende somente descrever a realidade pesquisada, mas contribuir para transformá-la de maneira positiva com o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, pois, “uma das características desse tipo de pesquisa é que através dela se procura intervir na prática de modo inovador já no decorrer do próprio processo de pesquisa” (ENGEL, 2000, p. 182).

2.1. Pesquisa de campo

2.1.1. *Locus* da Pesquisa

Seguindo as ideias Engel (2000, p. 184), de que a pesquisa-ação é situacional, ou seja, que “procura diagnosticar um problema específico numa situação também específica, com o fim de atingir uma relevância prática dos resultados”, o *locus* da pesquisa foi uma escola da rede pública de ensino, localizada em Pelotas, tendo como sujeitos os alunos da única turma de nono ano da escola.

A escola *locus* da pesquisa foi a Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora dos Navegantes, localizada na periferia da cidade de Pelotas/RS, mais precisamente no bairro São Gonçalo, conhecido como Navegantes II (FIGURA 1), onde a pesquisadora atua como professora de Geografia nas turmas de sexto a nono ano do ensino fundamental.

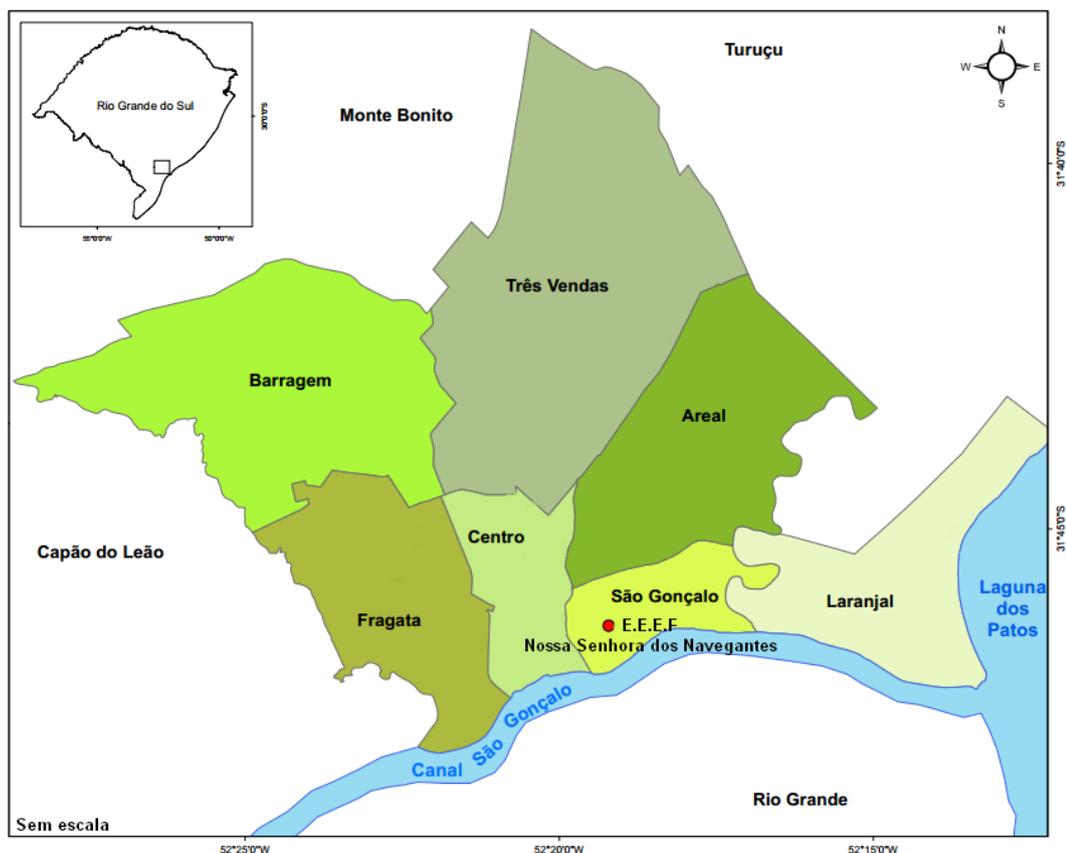


Figura 1 – Mapa da sede do município de Pelotas com a divisão em bairros, indicando a localização da escola *locus* da pesquisa. Fonte: DIAS, L. C.; SILVA, P. 2014 (adaptado pela autora em 2015).

A escola foi inaugurada em 07 de agosto de 1989, durante o governo de Pedro Simon. A escola possui arquitetura similar à de outras escolas estaduais, sendo composta por dois andares, apresentando grandes janelas, duas escadas um saguão amplo, onde se realizam as apresentações artísticas durante as festividades da escola. A maioria das turmas encontram-se no andar superior, onde também encontram-se a sala de informática e a sala de vídeo. No andar térreo estão a sala dos professores, biblioteca, cozinha, refeitório e demais salas administrativas.

A instituição é conhecida como uma escola de comunidade, pois atende alunos oriundos quase que exclusivamente do próprio bairro no qual está inserida. Algumas pessoas do próprio bairro e também de outras regiões utilizam adjetivos estereotipados que comparam a escola a um presídio, contribuindo para a reprodução de preconceitos contra o bairro e aos próprios alunos. Mas apesar disso, a escola desempenha um papel importante na comunidade, oferecendo oficinas aos finais de semana, através do programa Escola Aberta, e também uma série de comemorações que são abertas à comunidade, como Festa Junina, Festa da Primavera, Dia da Consciência Negra e o Sábado da Solidariedade.

Maneira geral, os alunos são oriundos de famílias com grande vulnerabilidade socioeconômica. Porém, é possível notar que a grande maioria dos alunos tem celulares smartphones, os quais utilizam muito para fotografar e acessar a internet.

Como já anteriormente comentado, grande parte dos alunos tem a necessidade de utilizar o celular o tempo inteiro. A direção sugeriu diversas vezes em reuniões que os alunos deixem os seus celulares em suas residências, não só devido a sua utilização constante, mas também porque não pode se responsabilizar pela perda ou extravio dos aparelhos nas dependências da escola. Essa sugestão não foi atendida e, diante disso, pede-se com frequência que os alunos não utilizem os celulares durante as aulas, mas deixa também a cargo do professor decidir se irá liberar por um tempo a utilização destes aparelhos durante a sua aula. A equipe diretiva em nenhum momento destaca que os professores não podem utilizar esses aparelhos como ferramentas didáticas, talvez porque essa não seja uma ideia frequentemente discutida no âmbito das pesquisas e cursos de formação amplamente difundidos.

2.1.2. Os sujeitos da pesquisa

Os sujeitos da presente pesquisa foram 24 alunos de uma turma de nono ano do ensino fundamental do ano letivo de 2014, com idades entre 14 e 17 anos, que responderam, primeiramente, a um questionário que serviu de base para a construção de uma atividade de leitura da paisagem através de fotografias tiradas por estes mesmos alunos com as câmeras de seus celulares. Esta fase da pesquisa ocorreu no segundo semestre de 2014.

A justificativa da escolha pelo nono ano do ensino fundamental se deu diante dos conteúdos dispostos no currículo (ANEXO 1) da escola para este ano. Na grade curricular é possível observar que o primeiro conteúdo a ser trabalhado no sexto ano do ensino fundamental são os conceitos de paisagem, lugar e espaço geográfico. Nos livros didáticos, esses conteúdos ressaltam de forma intensa o trabalho com a observação do entorno, estimulando os alunos a observar o seu redor, fazendo com que estes tenham mais contato com o lugar onde vivem.

Já no sétimo ano do ensino fundamental, estão inseridos os conceitos de cidade, zona rural, economia, etc., focando no Brasil durante todo o ano letivo. Esses conteúdos também facilitam a aproximação com a realidade dos alunos, pois por tratar do país, podem ser transportados para o estado ou para o município onde os alunos moram.

No oitavo ano, os conteúdos começam a se distanciarem cada vez mais da realidade local, chegando ao nono ano, com os conteúdos da grade curricular abordando os continentes da Europa, da Ásia e da Oceania. No oitavo ano, os conteúdos do primeiro trimestre, como População e Globalização são facilmente vinculados à vida cotidiana. Mas como fazer com que o aluno do nono ano se identifique com a Europa, por exemplo?

Questões como essas foram motivadoras para a escolha dos alunos deste ano do ensino fundamental como sujeitos da presente pesquisa, pois além da experimentação do uso dos celulares smartphones, procurou-se também trazer uma atividade que proporcionasse uma aproximação dos alunos com a cidade em que vivem, com elementos do seu cotidiano, para que fosse possível perceber a importância do conhecimento produzido em sala de aula para a vida cotidiana fora da escola. Pois esta também é uma preocupação para a pesquisa-ação, que busca

modificações e redefinições, trazendo benefícios para a prática presente, sem se preocupar em um primeiro momento com situações futuras (ENGEL, 2000).

2.1.3. Coleta de dados

Primeiramente, aconteceu uma conversa com a direção da escola, com a finalidade de explicar a pesquisa e solicitar o apoio para eventuais atividades. Após isso, a pesquisa foi explicada aos alunos e estes foram convidados a participar. Todos os alunos da turma aceitaram e, por serem menores de idade, levaram para casa um termo de consentimento (APÊNDICE 1) para ser assinado por seus pais ou responsáveis. O termo também explicava que os nomes dos alunos seriam preservados, utilizando somente as iniciais dos seus nomes e sobrenomes nos materiais produzidos, de acordo com as leis de direitos autorais.

Após a entrega dos termos, os alunos responderam a um questionário (APÊNDICE 2) impresso que tinha por finalidade conhecer o tipo de aparelho celular que esses possuíam, quais eram as funções mais utilizadas no seu dia a dia e também o interesse em utilizar o celular como um recurso didático durante as aulas de Geografia.

Diante das respostas dadas pelos alunos ao questionário, foi possível observar que todos os 24 alunos da turma possuíam aparelhos celulares e que a utilização para fotografar era constante. Por esse motivo, a câmera do celular foi um dos recursos escolhidos para a utilização durante a atividade selecionada para a pesquisa. Assim, a ideia principal foi estudar a paisagem através de fotografias tiradas pelos próprios alunos, com a finalidade de melhor conhecer o espaço geográfico da cidade em que vivem, pois esta temática é de grande importância para a Geografia.

Essa atividade, bem como os resultados obtidos, serão especificados de forma mais aprofundada no capítulo IV.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1. A importância do estudo da paisagem no ensino de Geografia

Ao longo de sua história como ciência, a Geografia passou por diversas modificações em relação ao seu objeto de estudo, suas definições e seus conceitos. Segundo Moraes (1983), os autores da Geografia a definiram, em diferentes épocas, de diferentes formas, baseados em diferentes pretextos de conhecimento/objeto de estudo.

Por um longo período na Geografia, o ser humano era visto somente como um elemento constituinte da paisagem e os estudos sobre a sociedade baseavam-se apenas nos dados mensuráveis. Essa concepção, de certa forma, ainda permanece viva na prática de alguns professores da escola básica que ainda baseiam a sua prática na mera descrição dos lugares, considerando os aspectos físicos e humanos de maneira desconexa.

Com o passar dos anos, a Geografia tornou-se a ciência encarregada de analisar o processo de construção e transformação do espaço geográfico, buscando compreender as relações existentes entre os seres humanos e o espaço em que habitam. De acordo com Andrade (1989, p.29), pode-se definir a Geografia como a “ciência que estuda as relações entre sociedade e a natureza, ou melhor, a forma como a sociedade organiza o espaço terrestre, visando melhor explorar e dispor dos recursos da natureza”.

Atualmente, os estudos sobre a paisagem são um tema chave para a investigação sobre as relações dos seres humanos com o meio, pois ela é o retrato da produção do espaço geográfico. Para Santos (1997), paisagem é “o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e a natureza [...] ou ainda, a paisagem se dá como conjunto de objetos reais concretos” (p. 83).

A palavra paisagem, para muitas pessoas, remete a imagens da natureza, vistas como ambientes belos e livres da ação humana, mas a paisagem não se

limita somente a isto. Para Santos (1988, p. 61), “tudo aquilo que nós vemos, o que a nossa visão alcança, é a paisagem. [...] não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc”. Ou seja, é importante romper com a visão geral que grande parte das pessoas tem sobre o que é paisagem, buscando compreender que tudo o que pode ser observado em um momento é paisagem, e que esta fornece informações importantes para um melhor entendimento sobre as dinâmicas do espaço geográfico.

Dessa forma, a paisagem é “um recorte específico que sintetiza os diversos tempos que traçaram a fisionomia atual do lugar” (SCHÄFFER, 2000, p.90), sejam eles naturais moldados pelas ações do intemperismo natural, ou transformadas pela ação do trabalho humano. A paisagem é a fisionomia do espaço geográfico, produzido modificado pela ação dos seres humanos.

Para Lacoste (2003), a paisagem é,

Portanto, uma vista (ou uma representação) tridimensional de uma porção do espaço terrestre na qual a proporção e a disposição das extensões ocultas dependem, por um lado, das formas do relevo e da vegetação e, de outro, da localização (particularmente a altitude) do ponto de observação. Um mesmo espaço pode ter paisagens diferentes de acordo com os pontos a partir dos quais é observado. (p. 128).

Já Ab’Sáber (2003, p. 09) contribui dizendo que a paisagem: “é uma herança em todo o sentido da palavra: herança de processos fisiográficos e biológicos, e patrimônio coletivo dos povos que historicamente as herdaram como território de atuação das comunidades”. Ao observar a paisagem, é possível perceber que elementos construídos das mais diversas épocas coexistindo, revelando traços culturais e sociais dos indivíduos que habitaram aquele espaço em épocas diferentes.

Nessa mesma perspectiva, Callai (2013) discorre dizendo que:

A paisagem, como um retrato do espaço em determinado momento, é a herança (o resultado) de todos os processos naturais e de todos os processos humanos com o patrimônio construído, e que os povos herdaram, e modificam, como território de atuação do seu viver cotidiano (p. 38-39).

Deffune & Lima (2013) também trazem contribuições nessa linha, no que diz respeito à paisagem, deixando claro que a paisagem:

Conjuga o passado, o presente e nos aponta o futuro, em uma convivência de diferentes temporalidades que faz de cada uma delas única. Entendida como um produto social e histórico, ela retrata as sociedades que a construíram e a constroem. É, portanto, visível e dinâmica, e em constante transformação (p.86)

Por razões como essas, a prática da análise da paisagem em sala de aula se faz de extrema importância para que os alunos compreendam o espaço em que vivem, mostrando que todos os lugares que os rodeiam tem importância e devem ser valorizados no processo de ensino-aprendizagem da Geografia na escola.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para a Geografia (PCNG) abordam a importância na inserção dos estudos da paisagem na Geografia escolar. Os parâmetros definem que este estudo sobre o espaço através da análise e leitura da paisagem, é de responsabilidade da Geografia, e que sua atividade constante “permite aos alunos conhecer os processos de construção do espaço geográfico” (BRASIL, 2000, p. 19). Também ressaltam que

O estudo da paisagem local não deve restringir à mera constatação e descrição dos fenômenos que a constituem. Deve-se também buscar as relações entre a sociedade e natureza que aí se encontram presentes situando-as em diferentes escalas espaciais e temporais, comparando-as, conferindo-lhes significados, compreendendo-as. Estudar a paisagem local ao longo do primeiro e segundo ciclos é aprender a observar e a reconhecer os fenômenos que a definem e suas características; descrever, representar, comparar e construir explicações, mesmo que aproximadas e subjetivas, das relações que aí se encontram impressas e expressas (BRASIL, 2000, p. 116).

Ou seja, é importante a análise de paisagem de uma maneira crítica e reflexiva, superando a mera observação e descrição. Esse estudo crítico da paisagem auxiliará o aluno na compreensão do espaço em que vive, conhecendo seu papel na sociedade. Para Callai (2013), uma das principais preocupações que rodeiam o ensino de Geografia

Se traduz na busca de “ensinar” e do outro lado de o jovem e a criança “aprenderem” a compreender a espacialidade que se expressa no lugar em que vivem, conhecendo o lugar, entendendo porque a paisagem é assim como se apresenta, quais os motivos que levam a essa constituição e qual o papel de cada um na sua construção (p. 40).

Por motivos como este é que o exercício constante de leitura da paisagem é fundamental para que o aluno possa compreender a dinâmica do mundo, de acordo com o tempo e o espaço em que habita. A reflexão constante e a escrita reflexiva

sobre o que foi lido e observado é mais do que uma atividade curricular, de acordo com Schäffer (2000), é um exercício para a cidadania, auxiliando na formação de opinião e do pensamento crítico necessário à participação na vida social e política, entendendo quais são as responsabilidades que cabem a cada um como cidadãos.

De acordo com Callai (2012, p. 94), a paisagem “não é o espaço em si, é a fotografia do espaço e, como tal, expressa tudo o que existe por detrás dela, quer dizer, a sua história, seu movimento, que é resultado do jogo de forças dos homens entre si e desses com a natureza”. Isso significa que a paisagem não deve ser apenas observada e descrita, mas sim lida, interpretada e questionada, tratada como um texto em si e não como mera ilustração, com a finalidade de compreender o processo constante de formação do espaço geográfico.

No caso da paisagem da cidade onde vive, por exemplo, a sua análise poderá auxiliar o aluno a fazer relações do assunto que foi visto com outros lugares diferentes, ampliando o conhecimento construído sobre o seu cotidiano e, posteriormente, conduzi-lo para outras realidades. Para isso, a escola precisa ser concebida como “instituição que tem por objetivo contribuir para questionar as concepções cotidianas de todos” (LOPES, 1999, p. 232).

Sobre isso, as autoras Pontuschka, Paganalli & Cacete (2009) destacam que:

É essencial o domínio da leitura do espaço por meio de observação espontânea e dirigida, das entrevistas, da produção de registros e da pesquisa em variadas fontes, nas realidades reais concretas do bairro ou de cidades. Tais procedimentos constituem pontos de partida e chegada, nos quais constroem os parâmetros reais para a compreensão de espaços locais e de regiões bem mais distantes (p. 39).

Ou seja, a leitura da paisagem precisa ser realizada em sala de aula de maneira crítica e orientada para que consiga atingir seu principal objetivo, que é a compreensão da dinâmica do espaço geográfico de forma completa, buscando romper com a fragmentação que é muito comum no ensino da Geografia na escola, em que os aspectos físicos e humanos são vistos, na maioria das vezes, de maneira isolada, dando um entendimento de que um não afeta ao outro.

Segundo Morin (2003),

HÁ INADEQUAÇÃO cada vez mais ampla, profunda e grave entre os saberes separados, fragmentados, compartimentados entre disciplinas, e, por outro lado, realidades ou problemas cada vez mais polidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais, planetários (p. 13).

Grande parte das situações vivenciadas cotidianamente pelos indivíduos são compostas por diferentes acontecimentos e elementos, e essa visão fragmentada “impede de ver o global (que ela fragmenta em parcelas), bem como o essencial (que ela dilui)” (idem).

As transformações na paisagem são constantes, fazendo com que esta se modifique de um dia para o outro. De acordo com Santos (1988, p. 66) “a paisagem não se cria de uma vez só, mas por acréscimos de substituições [...] Uma paisagem é uma escrita sobre outra, é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos”.

Callai (2012) contribui explanando que

A paisagem, pode-se dizer, é um momento do processo de construção do espaço. O que se observa é, portanto, resultado de toda uma trajetória, de movimentos da população em busca de sua sobrevivência e da satisfação de suas necessidades (que são historicamente situados), mas, também, pode ser resultante de movimentos da natureza. Essa paisagem precisa ser apreendida para além do que é visível, observável. Essa apreensão é a busca das explicações do que está por detrás da paisagem, a busca dos significados do que aparece (p. 83).

Por motivos como estes, a fotografia foi escolhida como um meio para conduzir o estudo da paisagem devido a sua capacidade de registro, possibilitando que um recorte do espaço geográfico seja representado e levado a sala de aula de maneira prática. Com o auxílio do professor, a fotografia da paisagem pode ser investigada de maneira aprofundada, buscando interpretar não só os elementos presentes na imagem, mas também refletir sobre o que está oculto, ou seja, ver além do que está sendo representando.

Quanto ao uso das imagens da interpretação da paisagem, Gurevich (2013) contribui ressaltando que

Si pensamos el paisaje como texto, como um modo de presentación de complejidad de lo real, como conjunto de estampas de la realidade vinculadas com procesos espaciales, podemos afirmar que tanto los conceptos como las imágenes son indescindibles para ler y comprender la espacialidade de la vida social (p. 29).

Segundo Costa (2013, p. 84-85), a fotografia pode ter diversos usos na educação, destacando cinco usos principais: (1) *na apresentação de um tema*; (2) *na ilustração de um tema*; (3) *como exercício de fixação*; (4) *como pesquisa*; (5) *como exercício de avaliação*. No presente trabalho, a fotografia, seguindo as ideias

propostas pela autora, foi utilizada como pesquisa. Costa (2013) afirma que a fotografia como pesquisa acontece quando o professor solicita que o aluno, “de máquina² em punho, registre imagens que digam respeito a certo tema” (p. 85), para que, posteriormente, essas fotografias sejam apresentadas em sala de aula, o que proporciona uma “experiência tão diversificada que jamais poderia ter sido realizada de outra forma” (idem).

De acordo com os PCNG (BRASIL, 2000), a leitura da paisagem pode ocorrer de forma direta, com uma saída de campo, ou indireta, através de vídeos, textos e da fotografia. Quando as saídas de campo são impossibilitadas por diversas questões, a fotografia mostra-se como um importante recurso para a realização deste tipo de atividade.

Na impossibilidade de realizar saídas de campo, por exemplo, a fotografia permite um conhecimento, mesmo que parcial, de locais nunca antes visitados por alguns. Para Ruiz (2008, p.20), a fotografia pode ser “considerada como uma fonte importante de dados, fatos e informações que se soubermos explorar corretamente a transforma em um poderoso recurso didático”, pois a partir da análise de uma única fotografia, podem ser trabalhados inúmeros outros conceitos geográficos, além do processo de produção do espaço.

Mas muitas vezes, a fotografia é utilizada no ensino de Geografia como mera ilustração de um texto escrito, “elas não são utilizadas no espaço escolar como complementação do texto ou recurso de onde é possível extrair informações e promover a articulação com o conteúdo da escrita” (PONTUSCHKA, PAGANELLI & CACETE, 2009, p. 278). É preciso superar essa utilização da fotografia como ilustração e começar a tratá-la como um texto, que fornece as mais diversas informações se for analisada de uma forma que contemple toda a sua complexidade. A interpretação das fotografias buscando “entender seu conteúdo e sua gramática, permite que o aluno se situe melhor no mundo que o rodeia e tenha um olhar menos ingênuo em relação a ele” (COSTA, 2013, p. 85).

Segundo Barthes (1984, 57), “em um primeiro tempo, para surpreender, (a foto) fotografa o notável; mas logo [...] ela decreta notável aquilo que ela fotografa”. A fotografia torna estática uma paisagem que encontra-se em constante movimento, permitindo a sua interpretação de forma mais atenta, observando detalhes que, na

² A autora utiliza o termo “máquina” para se referir tanto câmeras fotográficas analógicas, que utilizam filmes, como câmeras digitais.

pressa do cotidiano, às vezes passam despercebidos e parecem não portar sentido para o conhecimento produzido na escola.

O fácil acesso e a variedade dos assuntos que nela podem conter, fazem da fotografia uma grande ferramenta didática não só aulas de Geografia, mas também para outros componentes curriculares. Diferente de um simples desenho feito com giz pelo professor no quadro ou de um texto formal, os elementos presentes na fotografia mostrarão o dinamismo no espaço geográfico. Para isso, “há necessidade de, geograficamente, pensar o sentido que tais representações têm para a formação cultural de professores e alunos” (PONTUSCHKA, PAGANELLI & CACETE, 2009, p. 279).

A interpretação das fotografias pode ser direcionada a auxiliar ao aluno no entendimento de que cada fotógrafo tem um ponto de vista diferenciado, que escolhe um ângulo que mais lhe agrada e que registrará o que ele quer realmente mostrar, trabalhando assim a percepção do aluno e também fazendo com que ele busque novas fotografias de um mesmo lugar sobre diferentes ângulos, ou talvez fotografando sobre a sua perspectiva. Pois as paisagens, do ponto de vista da Geografia, “também são definidas pelo ponto de vista, ou melhor, são o enquadramento do olhar, seu delimitador” (GOMES, P., 2013, p. 111).

Nesse sentido ainda, afirma-se que a fotografia eterniza uma paisagem a partir de um clique e esta (paisagem) poderá se transformar num objeto de estudo, sendo explorada de diferentes formas pelo usuário, conforme o olhar empreendido.

Costa (2013) contribuiu dizendo que,

A fotografia se presta aos rituais de nossa história de vida, pois ela marca, registra e ilustra um momento, gravando-o na memória – nossa e dos outros. A imagem que vejo na fotografia não só isola e marca os momentos e fatos vividos, como os congela, isto é, torna-os permanentes e imutáveis. [...] Isso evidencia a importância das imagens fotográficas para o registro de fatos, pessoas e acontecimentos volúveis que temos diante do vivido. [...] Assim, mais um argumento para que o professor adote a imagem fotográfica como elemento rotineiro de sua prática pedagógica, está no fato de que os registros em foto são mais vivos, perenes e afetivos. São, portanto, elementos indispensáveis para o envolvimento subjetivo do aluno em relação àquilo que é analisado e para a fixação desse conteúdo entre as coisas por ele vividas e, dessa maneira, conhecidas (p. 90 – 91).

A grande variedade de temas presentes nas fotografias e seus diversos meios de obtenção, fazem desta uma grande ferramenta fundamental nas aulas de

Geografia, podendo ser utilizada em diferentes formas de atividades e avaliação do conhecimento construído.

Lacoste (2003) comenta que no final do século XIX os pintores começaram a interessarem-se por retratar paisagens reais, e nesse momento a fotografia surgiu e se impôs como um modo essencial na forma de representar a paisagem. O autor comenta que:

Deve-se a ela, e aos meios de comunicação de massa que utilizam seus mecanismos, esta transformação da sensibilidade que começava a desapontar nos meios cultos. A fotografia transformou a sensibilidade e a impôs, em um fenômeno de mana, pelo menos nos países desenvolvidos; mas propagou-se rapidamente por todos os lugares. Em realidade, é uma verdadeira mudança de visão do mundo: a transformação em valores estéticos (e, com frequência, em valor de mercado) de paisagens reais que a maioria dos homens tinha até então observado sem considerar sua beleza (LACOSTE, 2003, p. 121-122).

Por conseguir retratar a paisagem, facilitando a sua leitura no âmbito da sala de aula, a fotografia se torna uma grande aliada para esse tipo de atividade no ensino da Geografia. Porém, essas discussões acerca das fotografias não podem permanecer somente na descrição dos lugares retratados, mas também refletir sobre possíveis meios para modificar e melhorar a realidade no qual o aluno está inserido.

Conforme destaca Justiniano (2011, p. 432): “é sempre importante que os alunos analisem as imagens fotografadas e discutam os resultados obtidos, tendo a oportunidade de refletir sobre o que poderia ser feito para melhorá-los”. Pois de acordo com Santos (2006, p. 113), a “possibilidade de cidadania plena das pessoas depende de soluções a serem buscadas localmente”.

3.2. As tecnologias de Informação Móveis e Sem Fio (TIMS) no cotidiano e a importância da sua inserção em sala de aula

Há alguns anos atrás, muito se falava na propagação das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) no cotidiano e a importância da sua inserção nas práticas docentes. Essas TIC's estavam mais relacionadas aos computadores e a internet, que na maioria das vezes eram fixos. Esta situação mudou substancialmente com a evolução das tecnologias móveis, pois atualmente é possível ter os mesmos recursos de um computador na palma da mão e com uma maior mobilidade e facilidade de acesso.

As Tecnologias de Informação Móveis e Sem Fio (TIMS) estão cada vez mais presentes no cotidiano, sendo de grande importância que também sejam inseridas no ambiente escolar. Por TIMS, entende-se que:

São tecnologias de informação que envolvem o uso de dispositivos conectados a uma rede ou a outro aparelho por links de comunicação sem fio, como por exemplo, as redes de telefonia celular. (SACCOL & REINHARD, 2007, p. 179).

Os celulares, principalmente os *smartphones*, e *tablets* se destacam nessa categoria de tecnologias, sendo cada vez mais utilizados para tarefas do dia-a-dia, se integrando ao cotidiano como se já fizesse parte dele desde o princípio, como algo que sempre esteve ali. Por este motivo, essas tecnologias são também chamadas de ubíquas. Para Saccol & Reinhard a ubiquidade acontece quando:

Computadores passam a ser tão naturais, tão sob medida e tão embutidos em todos os locais e nos mais diferentes objetos; eles tendem a se tornar praticamente invisíveis, isto é, nós os utilizaremos quase sem pensar, tal qual utilizamos a energia elétrica atualmente (2007, p. 180).

Antes essas tecnologias eram novidades e raras de serem encontradas, quando vistas eram notadas por todos e tratadas como algo magnífico. Atualmente, aqueles que não possuem e não interagem com essas tecnologias e que são notados e tratados de forma diferente, são ditos como estranhos, não modernos, não civilizados.

Cada vez mais os ambientes de socialização, tais como bares, restaurantes, academias, salões de beleza, etc. têm investido no oferecimento de internet sem fio para seus clientes, pois a utilização de aparelhos equipados com *wifi* está crescendo em grandes proporções. Um dos principais motivos desse crescimento é o barateamento desses aparelhos que vem equipados com sistemas operacionais capazes de realizar atividades antes possíveis só em computadores desktops e notebooks. O celular vem avançando de tal maneira porque ele é:

Mais que um telefone móvel, ele é hoje um terminal de convergência de serviços, associando câmera fotográfica e/ou de vídeos digitais, videogames, agenda eletrônica (PDA), computador de mão (*palmtopcomputer*), possibilitando o acesso à internet, download e armazenamento de música, recepção de rádio e TV, comércio eletrônico móvel (como carteira eletrônica ou cartão de crédito virtual), navegação e localização via GPS e muito mais. (SIQUEIRA, 2008, p.71)

Ou seja, disponibiliza diversas funcionalidades num único aparelho, que é tem um tamanho pequeno e peso leve, facilitando o seu transporte para diversos lugares para ser utilizado nas mais variadas situações, permitindo o acesso à informação e a distribuição de conteúdo de forma dinâmica. De acordo com Tapscott (2010):

Seus telefones celulares não são apenas aparelhos de comunicação úteis, são uma conexão vital com os amigos. E agora que os “telefones” têm cada vez mais acesso à internet, os integrantes dessa geração podem permanecer conectados aos amigos onde quer que estejam. (p.53-54)

Pesquisas recentes mostram que o barateamento dos *smartphones* fez com que crescesse o número de brasileiros que possuem telefone celular. Em pesquisa³ divulgada no dia vinte e três de abril de 2014, pela Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), foi informado que a densidade de aparelhos celulares chegou a 135,3 para cada 100 habitantes.

O celular, como já anteriormente citado, acaba visto como um vilão pelos professores por desviar a atenção da aula para a tecnologia. Segundo Viana & Bertocchi:

Sataniza-se o equipamento, o celular, e destaca-se o quanto os alunos, crianças e jovens, envolvem-se por tudo o que esta tecnologia de informação e comunicação possibilita, deixando assim de se interessarem pelas aulas dos seus professores. Então, neste caso, a opção melhor é mesmo proibir, censurar, pois se trata de uma concorrência desleal, argumenta a maioria. E por isso, os professores aplaudem tal legislação (2009, p. 01).

Ou seja, para alguns, é mais fácil e cômodo proibir o uso dessas tecnologias no ambiente escolar, do que buscar entendê-las e inseri-las no contexto da sala de aula, pois de certa forma, essa inserção provoca “medo, insegurança, e não raro, resistência por parte dos educadores” (GENTILINI, 2013, p. 40).

Claro que este não é o pensamento de todos os professores, mas através de conversas, é possível perceber que a maioria não sabe como lidar com o celular em sala de aula, e assim opta pela sua proibição. Pois de acordo com Perez & Silva (2013, p. 28):

³ Fonte: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/04/brasil-chegou-a-27358-milhoes-de-telefones-celulares-em-marco.html>> Acesso em 11 de novembro de 2014.

Ou aceitamos a integração de computadores⁴ às escolas como necessária e adequada à educação, levando adiante o processo de implementação de políticas, programas e projetos que suportem tal escolha; ou proibimos a sua utilização no ambiente escolar, banindo-os definitivamente das salas de aula. [...] optando-se pela primeira alternativa, o desafio será muitíssimo maior, pois exigirá de todos os profissionais, ligados ao processo educacional e à gestão dos sistemas escolares, um profundo e constante movimento de reflexão e reavaliação.

Para as crianças e adolescentes essa proibição acaba se tornando difícil de entender, pois as tecnologias já estão fortemente inseridas no seu cotidiano, crescendo junto com eles, diferente de alguns professores que tiveram que adaptar-se as novas tecnologias após a sua formação. De acordo com Tapscott (2010):

Enquanto as crianças da Geração Internet assimilaram a tecnologia porque cresceram com ela, nós, como adultos, tivemos de nos adaptar a ela – um tipo diferente e muito mais difícil de processo de aprendizado. Com a assimilação, as crianças passaram a ver a tecnologia simplesmente como uma parte do seu ambiente e a absorveram como todas as outras coisas. Para muitas crianças, usar a nova tecnologia é tão natural quanto respirar (p. 29 - 30).

Por essa ubiquidade das tecnologias na vida de crianças e adolescentes, a inserção delas em sala de aula são de grande importância para a formação do aluno, pois eles estão constantemente presentes na sociedade e por isso precisam estar presentes na educação escolar.

De acordo com Pontuschka, Paganalli & Cacete (2009):

Muitas linguagens e tecnologias que atualmente estão disseminadas na sociedade pouco penetraram em sala de aula. O debate sobre seus limites e possibilidades precisa ser realizado com certa urgência, para que os professores possam utilizá-las criteriosamente e criticamente na prática de sala de aula (p. 29).

Nesse contexto, Saccol, Schlemmer e Barbosa (2011, p.31) chamam a atenção dizendo que:

Se adotarmos uma concepção epistemológica de que o conhecimento é fruto de construção do indivíduo feita em colaboração com professores e colegas, devemos selecionar tecnologias que permitam interação intensiva entre as pessoas, por exemplo, por meio de ambientes virtuais que disponibilizem fóruns, chats, espaços para compartilhamento de projetos, arquivos de interesse comum.

⁴ Os autores destacam anteriormente que “é preciso estar atento ao fato de que computadores, como *hardware*, não são apenas *desktops*, mas, atualmente, também *notebooks*, *netbooks*, *tablets* e **celulares**” (Perez & Silva, 2013, p. 23).

Por isso, a reflexão crítica sobre as novas tecnologias devem ser constantemente feitas, com a finalidade de entender seu uso, suas funções e suas contribuições e possíveis ganhos para a construção do conhecimento.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS OBTIDOS NA PESQUISA

4.1. As relações dos alunos com os telefones celulares (smartphones)

A intenção principal da presente pesquisa, desde o início da sua formulação, foi o de, além de utilizar-se de uma tecnologia atraente aos jovens e presentes no seu dia a dia, buscar levar o cotidiano vivido pelos alunos para dentro da sala de aula. Pois um dos principais objetivos do ensino da Geografia é o de “contribuir para fazer com que os jovens e as crianças na escola construam ferramentas intelectuais que lhes permita, compreendendo o mundo, levá-los a serem sujeitos das suas próprias vidas” (CALLAI, 2013, p. 40).

Para atingir os objetivos traçados, os celulares foram utilizados como uma ferramenta para fotografar a paisagem da cidade e também realizar pesquisas na internet sobre as paisagens retratadas. Como a escola se localiza na área urbana do município de Pelotas, os alunos foram orientados a fotografar essa região, atividade esta que será relatada com mais detalhes no decorrer do texto.

Essa escolha pela área urbana também se baseou em algumas opiniões de autores da Geografia, como Callai (2013), que aponta que a paisagem urbana tem recebido um interesse especial, tendo um enfoque maior quando se trata do meio ambiente saudável para a vida. Segundo a autora, “de um modo geral, a paisagem urbana em especial tem merecido essa atenção, considerando que a maior parte da população é urbana e vive nas cidades” (p. 39).

A escola onde a pesquisa foi realizada localiza-se na zona urbana de Pelotas, em um bairro periférico há uma distância de cerca de quinze minutos de ônibus até o centro da cidade. A escola, como anteriormente citado, atende quase que exclusivamente alunos oriundos do próprio bairro no qual está localizado, fato esse que contribui para que os alunos e seus pais/responsáveis já se conheçam de fora da escola, tendo um envolvimento maior da comunidade do que naquelas escolas que tenham alunos moradores de bairros diferentes.

A escola oferece o ensino fundamental completo, não possuindo mais nenhuma turma que ainda siga o regime de séries. Ou seja, a escola atende do sexto ao nono ano do ensino fundamental. No total, são sete turmas de área, todas no turno da manhã, contabilizando três turmas de sexto ano, duas turmas de sétimo ano, uma turma de oitavo ano e uma turma de nono ano. Quanto ao currículo, a escola atende, no turno da tarde, a turmas de primeiro ao quarto ano, e, no turno da manhã, atende a turmas de quinto ano e também aos programas Acelera Brasil⁵ e Se Liga⁶, que tem por objetivo manter os alunos nos anos adequados às suas idades.

Como a pesquisa busca analisar formas de trabalhar os conteúdos de maneira aproximada da realidade dos alunos, uma turma de nono ano foi escolhida como sujeitos da pesquisa devido ao distanciamento que a grade curricular parece ter, se for trabalhada da forma como vem explicitada nos materiais e nos livros didáticos disponíveis para o ano.

Segundo Pontuschka, Paganelli & Cacete (2009, p. 343), “o Brasil é um país de grande extensão territorial constituído por realidades e culturas muito diferentes, que os conteúdos do livro didático não têm condições de abarcar”. Diante dessa realidade e sendo o livro didático um dos principais recursos para utilização em sala de aula, é de grande importância que haja uma ligação dos conteúdos disponibilizados no livro com o cotidiano ao qual a escola e os alunos estão inseridos, estimulando o diálogo em sala de aula.

Como o conteúdo para o período letivo era o Continente Europeu, o trabalho focou-se na análise das influências europeias visíveis ou não na paisagem da cidade de Pelotas. A escolha da paisagem se deu porque esta:

⁵ “O Acelera Brasil é um programa voltado a alunos do Ensino Fundamental que apresentam defasagem de série-idade. O projeto é aplicado em 72 escolas na rede estadual e envolve 1,5 mil alunos alfabetizados. Estudantes do 2º ao 5º ano podem ser atendidos, formando turmas multisseriadas. Os participantes podem ter no máximo 14 anos e devem ter no mínimo dois anos de defasagem idade-série. A meta do Acelera é contribuir para que o aluno, em um ano, alcance o nível de conhecimento esperado para a primeira fase do Ensino Fundamental, de maneira que possa avançar em sua escolaridade. Os alunos alfabetizados, mas que repetiram de ano, são agrupados em salas de até 25 crianças. Eles recebem acompanhamento de um professor da rede capacitado para aplicar a metodologia do Programa”. *

⁶ “Com o objetivo de corrigir o fluxo escolar do Ensino Fundamental, o Se Liga busca o combate ao analfabetismo nas primeiras séries. A metodologia na rede estadual é aplicada em 18 escolas, com mais de 350 alunos dos 3º, 4º e 5º ano - com idade máxima de 14 anos - e que ainda não foram alfabetizados. Em salas de, no máximo, 25 alunos, um professor aplica a metodologia do Programa. Além de enfatizar a leitura, o programa oferece às crianças materiais específicos que facilitam o aprendizado”. *

* PACHECO, Tiago. Disponível em < <http://www.rs.gov.br/conteudo/40610/seduc-promove-cursos-dos-programas-acelera-brasil-e-se-liga>> Acesso em 14 de abril de 2015.

Revela a realidade do espaço em um determinado momento do processo. O espaço é construído ao longo do tempo de vida das pessoas considerando a forma como vivem, o tipo de relação que existe entre elas e que estabelecem com a natureza. Dessa forma, o lugar mostra, através da paisagem, a história da população que ali vive, os recursos naturais de que dispõe e a forma como utiliza tais recursos (CALLAI, 2012, p. 82).

Com isso, o trabalho com a paisagem visa proporcionar uma melhor compreensão sobre a cidade onde os alunos vivem, com a finalidade de fazer com que os mesmos sintam-se parte integrante do local em que vivem e que percebam que esse local tem importância histórica e atual no processo de produção do espaço geográfico, e que também o seu estudo é de significativa importância no âmbito da sala de aula. É necessário trabalhar os conteúdos de Geografia em sala de aula de “modo que o aluno perceba a relação desses conhecimentos com seu cotidiano e se perceba no processo de aprendizagem” (CASTELLAR, 2013, p. 174).

O trabalho de pesquisa com os alunos começou através de uma conversa onde as etapas do trabalho foram explicadas a todos. Logo após, foi aplicado um questionário que solicitava informações como a idade do aluno e o modelo de aparelho celular que o mesmo possuía e também quais eram as funções mais utilizadas por eles.

Constava no questionário um quadro (QUADRO 1) para que o aluno marcasse com que frequência desenvolve certas atividades com o uso do celular. Os alunos foram instruídos que, com muita frequência seria a utilização de mais de uma vez por dia durante todos os dias da semana, a utilização caracterizada como frequentemente, seria a realizada uma vez por dia todos os dias, a utilização de pouca frequência seria a que não é realizada todos os dias e, por último, as funções que nunca eram utilizadas.

Analisando as respostas dadas aos questionários, foi possível constatar que todos os 24 alunos da turma possuíam celular com câmera integrada e acesso à internet, tanto por meio da operadora como através de conexão *wifi*. Portanto, essas foram as funções escolhidas para o desenvolvimento da atividade.

Função	Com muita frequência	Frequente-mente	Pouca frequência	Nunca
Chamadas de voz				
Mensagens de texto				
Jogos				
Rádio				
Ouvir música				
Fotografar				
Filmar				
Calendário				
Relógio				
Agenda				
Despertador				
Navegar na Internet				

QUADRO 1 – Quadro para que o aluno assinalasse a frequência de uso de determinadas funções de seu celular. Organização: Furtado (2015).

Os resultados obtidos no Quadro 1, sobre a frequência de utilização de determinadas funções do celular, foram agrupadas no mesmo quadro do questionário, indicando o número de alunos que marcaram tal alternativa (QUADRO 2)

Função	Com muita frequência	Frequente-mente	Pouca frequência	Nunca
Chamadas de voz	3 alunos	10 alunos	8 alunos	3 alunos
Mensagens de texto	3 alunos	8 alunos	11 alunos	2 alunos
Jogos	4 alunos	3 alunos	9 alunos	8 alunos
Rádio	3 alunos	4 alunos	9 alunos	8 alunos
Ouvir música	15 alunos	5 alunos	3 alunos	1 aluno
Fotografar	11 alunos	5 alunos	7 alunos	1 aluno
Filmar	5 alunos	5 alunos	9 alunos	5 alunos
Calendário	0 alunos	3 alunos	14 alunos	7 alunos
Relógio	12 alunos	5 alunos	5 alunos	2 alunos
Agenda	0 alunos	4 alunos	9 alunos	11 alunos
Despertador	15 alunos	6 alunos	1 aluno	2 alunos
Navegar na Internet	14 alunos	4 alunos	3 alunos	3 alunos

Quadro 2 - Número de alunos que marcaram cada uma das alternativas. Organização: Furtado (2015).

Para finalizar o questionário, havia uma questão sobre o interesse do aluno em participar de atividades que utilizassem o celular como recurso didático na construção do conhecimento em Geografia. As respostas de todos foram positivas, de que sim, tinham interesse em participar de tais atividades.

Diante dessas respostas, foi possível elaborar uma atividade que contemplasse a utilização de um recurso apreciado por todos e disponível em todos os aparelhos: as câmeras e a internet. Mais precisamente, os alunos seriam

direcionados a fotografar assuntos relacionados com o conteúdo com seus próprios celulares, para que fossem estudados conceitos de Geografia com finalidade de conhecer melhor a cidade em que os alunos vivem, através da leitura da paisagem e análise do espaço geográfico.

4.2. Desenvolvimento da atividade e análise das fotografias produzidas pelos próprios alunos

Como o conteúdo da grade curricular para o nono ano durante o período de realização da pesquisa é o continente europeu, os alunos foram convidados a fotografar elementos da paisagem do município de Pelotas que tivesse alguma influência europeia, devido as diferentes colonizações do Brasil, do Rio Grande do Sul e especificamente de Pelotas.

Em um primeiro momento, após a introdução e algumas aulas sobre o continente europeu, os alunos leram um texto comentando sobre as influências que diversos países europeus que colonizaram a região deixaram como herança na cultura, na arquitetura, na culinária, etc. Após, foram orientados a pesquisar na internet, através de seus celulares, as heranças que foram deixadas por estes colonizadores na paisagem pelotense, ressaltando o conceito de o que significa paisagem para a Geografia.

Nesse sentido, os alunos foram instruídos de que paisagem não significa somente o retrato de um lugar natural sem intervenção humana, mas sim que a paisagem é “um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais, é formada por frações de ambas” (SANTOS, 1988, p. 65). Ou seja, é a fisionomia do espaço geográfico, em que elementos naturais e humanos se misturam, retratando as influências que uns exercem sobre os outros. É importante destacar essa diferenciação pois muitas pessoas fazem ligação do termo paisagem a lugares belos e naturais, mas “existe uma distância muito grande entre o conceito científico e o conceito cotidiano de paisagem com o qual o professor deve contar no primeiro momento de iniciar o trabalho de construção de conhecimento a ser desenvolvido no ensino” (CAVALCANTI, 2008, p. 52).

Sobre quais paisagens retratar, os alunos foram informados que poderiam escolher qualquer local da cidade em que eles percebiam alguma influência das

colonizações europeias que aqui ocorreram no passado, bem como influências atuais, levando em consideração também o seu afeto pessoal pelo local a ser retratado e sua opinião a respeito do mesmo, pois o trabalho também buscou mostrar que cada indivíduo pode pensar e ter afinidade diferentes uns dos outros, pois são essas “diferenças que possibilitam os diálogos e as trocas, assim, o constante crescimento social do sujeito” (CASTROGIOVANNI, 2012, p. 13).

Alguns alunos optaram por fazer a atividade em conjunto com outros colegas, alegando que teriam vergonha de apresentar seu trabalho na frente de todos se estivesse sozinho. Sendo assim, o trabalho resultou em dezenove fotografias, sendo que algumas foram individuais e outras capturadas em grupo.

No dia marcado, os alunos levaram para a sala de aula as fotografias que haviam registrado. As mesmas foram enviadas diretamente ao celular da professora, via *bluetooth*⁷, pois desta maneira, tendo o arquivo original, foi possível identificar pelas configurações da imagem, se a mesma foi feita pelo celular do aluno ou retirada de algum site da internet. Felizmente, todas as dezenove fotografias levadas para a sala de aula foram feitas pelos alunos.

Após o envio das fotografias, as mesmas foram exibidas para a turma por meio de um projetor conectado a um notebook, para que facilitasse a sua visualização por todos em um tamanho maior. Dessa forma, a cada fotografia exibida, o aluno autor da imagem justificava o porquê de ter fotografado este local.

Todas as fotografias foram de elementos ou ambientes arquitetônicos de Pelotas, tanto de prédios, como de chafarizes. Com exceção de um aluno, que será comentado posteriormente, todos os demais justificaram que fotografaram o local porque consideraram-no belo.

A palavra paisagem para diversas pessoas, remete ao belo. Sobre isso, Lacoste (2003) comenta que as paisagens são consideradas belas por condicionamento social e cultural, sendo que a mesma paisagem pode parecer mais bonitas para alguns do que para outros. O autor também comenta que a essa paisagem-espetáculo “impede o fluir do conceito de paisagem no sentido das

⁷ Bluetooth “é uma tecnologia de comunicação sem fio que permite que computadores, smartphones, tablets e afins troquem dados entre si e se conectem a mouses, teclados, fones de ouvido, impressoras e outros acessórios a partir de ondas de rádio. A ideia consiste em possibilitar que dispositivos se interligem de maneira rápida, descomplicada e sem uso de cabos, bastando que um esteja próximo do outro”. Disponível em: <<http://www.infowester.com/bluetooth.php>> Acesso em 08 de agosto de 2015.

representações de espaços muito vastos ou muito abstratos, os quais não se pode realmente observar” (LACOSTE, 2003, p. 116).

A análise das fotografias se iniciará exatamente pela fotografia do aluno T.M., que registrou o Chafariz dos Cupidos situado na Praça Cypriano Barcellos, localizada entre as Ruas Marechal Floriano, Lobo da Costa, Barão de Santa Tecla e o antigo leito do Canal Santa Bárbara. Por esta razão, a análise das fotografias se iniciará pela fotografia (FIGURA 2) capturada por este aluno.

O aluno justificou que escolheu fotografar este chafariz por ser algo importante na história de Pelotas, mas que encontra-se em uma praça pouco valorizada pelo poder público. Comentou que escolheu este ângulo do Chafariz para que as pichações pudessem ser melhor visualizadas, mostrando também a desvalorização que o patrimônio histórico cultural⁸ vem sofrendo pelos próprios moradores da cidade.



FIGURA 2 – Chafariz dos Cupidos, localizado na Praça Cypriano Barcellos, no bairro Centro da cidade de Pelotas/RS. (Autor: Aluno T. M, 2014).

⁸ De acordo com a Constituição Federal de 1988, Artigo 216: “constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Segundo Léon (2013), este chafariz foi designado para a Praça General Câmara, atual Parque Dom Antônio Zattera localizado na Avenida Bento Gonçalves, no ano de 1874 pela Câmara de Vereadores, mas a sua instalação foi negada pela Cia. Hidráulica, alegando as más formações do terreno. Devido a esse fato, o chafariz foi instalado em um terreno mais central na atual Rua XV de Novembro esquina com Rua Gomes Carneiro, sendo posteriormente realocado para a Praça Cypriano Barcellos para dar lugar a construção do prédio do Corpo de Bombeiros de Pelotas.

Durante a apresentação da fotografia, um dos alunos comentou considerar “feito” o nome da praça, mas o mesmo não conhecia o nome oficial da praça, mas sim a maneira como a mesma é popularmente chamada: Praça dos Enforcados. Foi informado aos alunos que nessa praça havia um cadafalso onde aconteciam enforcamentos “como punição prevista em lei às infrações do escravo” (Léon, 2013, p. 451), e esses enforcamentos eram públicos, com a finalidade mostrar o que aconteceria aqueles escravos que descumprissem as leis impostas pelos brancos. Todos os alunos desconheciam esse fato da história de Pelotas e foi possível perceber que muitos entendem a escravidão dos negros no Brasil como algo que não aconteceu no lugar em que vivem, por isso a reflexão sobre essa praça se torna importante para diversos temas relacionados à Geografia e à História de Pelotas. Segundo Léon:

A praça dos enforcados é hoje um local de reflexão sobre um passado de domínio. A força funcionava como força ostensiva da sujeição, do servilismo. Mais que um castigo aos crimes, ela significava fator punitório exemplar. [...] É apenas um marco triste como tantos na vida atual que somente serve para exemplo a fim de que partamos para um horizonte de reformas sociais justas (2013, p. 416).

Após a apresentação e discussões sobre a fotografia do chafariz da Praça Cypriano Barcellos, um grupo de seis alunos apresentou seis fotografias do Mercado Central de Pelotas, cada uma delas capturada por um membro do grupo, justificando que consideram o mercado muito belo, principalmente por ter sido reformado. Cada aluno do grupo registrou um ângulo do Mercado que mais gostava, tanto do seu interior como do seu exterior, expondo diversos pontos de vistas sobre um mesmo local.

Desde a sua construção, entre os anos de 1848 e 1852, o Mercado Central de Pelotas passou por diversas reformas até chegar a forma em que se encontra atualmente. Foi informado aos alunos de que a torre do relógio, fotografada pelo aluno E.S. foi importada da Alemanha e faz referência a Torre Eiffel, de Paris, ressaltando as fortes influências europeias no modo de vida dos habitantes da época, fato que a maioria dos alunos afirmou desconhecer. Foi dito também que havia uma estátua do Deus Mercúrio, o Deus do Comércio, no topo da torre, e que, segundo alguns historiadores, caiu devido a um temporal e hoje essa estátua encontra-se em poder da Secretaria Municipal de Cultura de Pelotas (LEON, 2013).

Os alunos destacaram que o Mercado Central ficou muito bonito após a sua reforma, e a professora destacou que anteriormente o mercado abrigava lojas de sapatos, aves e outros animais vivos, peixes, etc., e que durante essa reforma essas lojas foram realocadas e muitas não retornaram ao final das obras, por inúmeros motivos, incluindo o alto custo dos aluguéis. Esse fato é importante destacar, pois a maioria dos mercados públicos em diversas cidades, principalmente as de forte influência portuguesa, foram implantados com a finalidade de desenvolver múltiplas atividades, comercializando os mais variados itens a população, e após essa reforma, o Mercado Central de Pelotas perdeu parte desse vínculo, pois deixou de disponibilizar uma variedade de serviços.

Foi destacado também o fato de que o camelódromo de Pelotas encontrava-se no largo do mercado, sendo posteriormente transferido para a Praça Cypriano Barcellos, que encontra-se mais afastada do centro comercial da cidade. Após a mudança, o camelódromo também passou por uma reforma o transformando em Pop Center, um centro comercial que também perdeu parte da identidade como camelódromo e encareceu os preços dos aluguéis para os comerciantes, fazendo com que alguns não retornassem ao local.

Mesmo que esses apontamentos não estivessem ligados diretamente a questão trabalhada em aula, foram importantes para a reflexão sobre segregação espacial, pois o camelódromo foi transferido para um local mais afastado e praticamente escondido do centro histórico da cidade, fazendo refletir o fato de que fora realocado por não pertencer ao que é classificado como belo, poluindo a paisagem do Mercado Central.

Após a apresentação das seis fotografias, um colega sugeriu que as mesmas fossem agrupadas em uma fotomontagem, mostrando o interior e exterior do

Mercado. Os membros do grupo apreciaram a sugestão e a montagem (FIGURA 3) foi realizada com o auxílio da professora.



FIGURA 3 – Montagem feita com fotografias de diversos ângulos Mercado Central de Pelotas, localizado no centro histórico da cidade de Pelotas/RS. (Alunos V.D., P.A., E.S, M.F., L. B. e D. N., respectivamente, 2014).



FIGURA 4 – Fachada do Mercado Central de Pelotas pela Rua Lobo da Costa, no centro da cidade de Pelotas/RS. (Aluna M.P., 2014)



FIGURA 5 – Fachada do Mercado Central de Pelotas à noite, vista da Rua Lobo da Costa, no Centro da cidade de Pelotas/RS. (Aluna M.F., 2014)



FIGURA 6 – Fachada do Mercado Central de Pelotas vista da Rua XV de Novembro, possibilitando a visualização das janelas das peixarias. (Aluna M.F., 2014)

As alunas M.P., M.F. e J.S. (FIGURAS 4, 5 e 6, respectivamente) também optaram por fotografar o Mercado Central, trazendo enquadramentos diferenciados das fotografias apresentadas anteriormente pelos colegas. Porém, as alunas M.F. e J.S. fotografaram o prédio pelo mesmo ângulo, mas uma optou por fotografar durante o dia e outra, durante a noite, justificando que considera que a iluminação noturna deixa o mercado mais belo. Na fotografia da aluna M.F. (FIGURA 6) é possível notar janelas diferenciadas das presentes nas fotografias de suas colegas,

essas janelas são dos locais onde encontram-se as peixarias do Mercado Central, pela Rua XV de Novembro.

A aluna L.O., assim como a aluna M.F. (FIGURA 5) também optou pela fotografia noturna, e assim como a sua colega, justificou que considera o local que ela retratou mais bonito durante noite. A aluna L.O. fotografou o Chafariz das Três Meninas (FIGURA 7), localizado na Rua Andrades Neves com a Rua Sete de Setembro, no local conhecido como calçadão.



FIGURA 7 - Chafariz das Três Meninas, no cruzamento entre das ruas Andrades Neves e Sete de Setembro, no centro da cidade de Pelotas/RS, durante a noite (Autora: Aluna L.O., 2014).

A aluna ressaltou que muitas pessoas valorizam somente o Chafariz Fonte das Nereidas, por observar que sempre existem pessoas fotografando o local, localizado na Praça Coronel Pedro Osório, e mesmo com o intenso movimento do Calçadão, a aluna comentou que nunca presenciou nenhuma pessoa realizando fotos no local. A aluna comentou que iria fotografar durante o dia, mas optou pela noite devido a redução do número de pessoas passando pelo local.

Foi importante ressaltar que o chafariz localizado na Praça Coronel Pedro Osório possui uma significativa valorização devido ao contexto histórico no qual está inserido, pois a praça foi construída como um espaço de lazer, rodeada por importantes prédios, tais como a Prefeitura Municipal, o Teatro Sete de Abril e a Biblioteca Pública Pelotense, tendo esta função até os dias atuais e caracterizando-se também como um importante ponto turístico da cidade.

Após a apresentação da aluna L.O., o aluno T.S. resolveu expor sua fotografia, pois fotografou o mesmo local que a sua colega, porém, sua fotografia foi feita durante o dia (FIGURA 8). Na fotografia do aluno foi possível notar o intenso fluxo de pessoas passando pelo local, fato que levou a aluna a optar pela fotografia a noite. Vários alunos comentaram que muitas pessoas passam pelo local diariamente, mas poucas sabem da importância do chafariz na história da cidade.

A fotografia do aluno T.S. permite demonstrar que o chafariz atualmente serve para embelezar o local, não tendo mais a sua antiga função de abastecimento de água para a população (MONQUELAT & ALMEIDA, 2012).



FIGURA 8 - Chafariz dos Três Meninas durante o dia, possibilitando a visualização do intenso movimento de pessoas no conhecido Calçadão da cidade de Pelotas/RS (Autor: Aluno T.S., 2014)

A fotografia apresentada após as fotografias dos chafarizes foi a da aluna K. D., que retratou o prédio Museu da Baronesa (FIGURA 9), destacando-se por ter sido fotografada em um local mais afastado do centro da cidade. A aluna comentou que escolheu este local por visitar sempre o Parque da Baronesa, localizado na Avenida Domingos de Almeida, 1490, no Bairro Areal, local onde o prédio se encontra. Comentou também que considera o museu muito belo, mas que conhece poucas pessoas que já visitaram seu interior, devido ao fato de que, na sua opinião, está longe do centro.

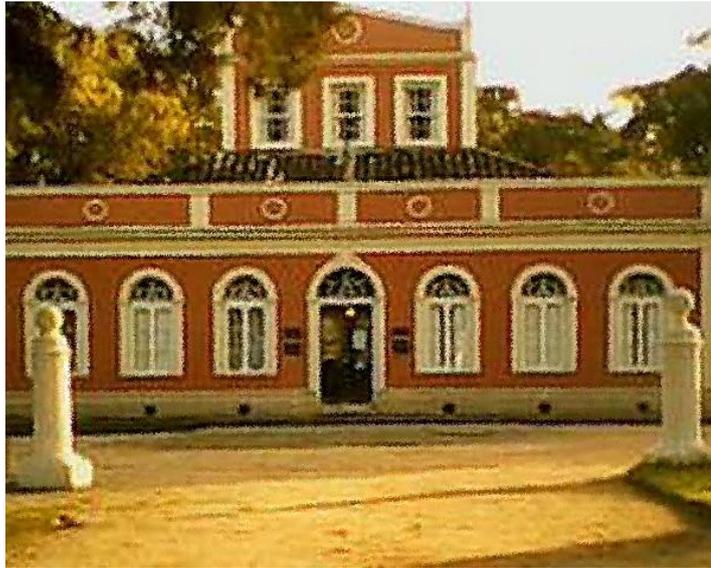


FIGURA 9 – Sobrado principal do Parque da Baronesa, onde encontra-se o museu. Localizado na Avenida Domingos de Almeida, no bairro Areal da cidade de Pelotas/RS. (Autora: Aluna K.D., 2014)

Numa perspectiva relacional, a partir do conteúdo abordado no nono ano, esta imagem retrata, a partir da sua estrutura física, um pouco da história europeia de meados da década de 1860. Este prédio, conforme destaque Léon (2011), foi adquirido pela família de Aníbal Antunes Maciel, no ano de 1863. O mesmo contém peças amplas e arejadas, e em seu interior predominam azulejos de origem holandesa. Já os jardins trazem na sua configuração e traçado uma simetria de características de influências francesas e inglesas.

A aluna T.F. também foi ao Parque da Baronesa junto a sua colega K.D., mas optou por fotografar um prédio diferente localizado no mesmo parque, nomeado oficialmente como Vila Stela, mas que é conhecido como popularmente como Casa Azul (FIGURA 10). O sobrado, que se localiza logo na entrada do Parque, pela Avenida Domingos de Almeida, foi construído no ano de 1935, data bem mais recente que o prédio que hoje abriga o museu, para servir de moradia para um neto da Baronesa. Atualmente, o prédio serve como reserva técnica do museu, abrigando objetos que eram de uso pessoal da família Antunes Maciel, tais como roupas, leques, livros e alguns móveis, peças essas que expostas eventualmente no museu, para a sua preservação.



FIGURA 10 – Vila Stela, ou Casa Azul, localizada na entrada do Parque da Baronesa, pela Avenida Domingos de Almeida. (Autora: Aluna T.F., 2014).

Após as apresentações dos prédios do Parque da Baronesa, o aluno V. B. apresentou uma fotografia de um local até então não citado, o prédio onde encontra-se a Prefeitura Municipal de Pelotas (FIGURA 11). O aluno, assim como grande parte dos colegas, comentou que escolheu fotografar este prédio porquê o considera muito bonito.



FIGURA 11 - Prefeitura Municipal de Pelotas, no centro da cidade de Pelotas/RS. (Autor: Aluno V.B., 2014)

O prédio foi construído entre os anos de 1878 e 1881 já com a finalidade de abrigar a sede da Câmara Municipal (LÉON, 2011). O prédio foi projetado pelo

“italiano José Izella, engenheiro exímio da arte neoclássica⁹ que confiou aos construtor e copista-plantista Romualdo de Abreu e Silva, a sua construção” (LÉON, 2011, p. 72). A foto do aluno também permite visualizar uma pequena parte do prédio da Bibliotheca Pública Pelotense, que fora construída no ano de 1875, idealizada pelo jornalista Antônio Joaquim Dias, e segundo Léon (2011):

A Bibliotheca Pública Pelotense surgiu num clima e numa época, quando floresciam os ideais de renovação e libertação. Também num tempo onde a cultura se denunciava nas construções arquitetônicas. O seu prédio reflete essas tendências desde a primeira fase – térrea – ao estilo clássico de Izella Merote¹⁰. Platibanda em balaústres, pilastras coríntias, eram detalhes puros do bom gosto (p. 201).

Léon (2011) também comenta que vários que na época de construção da Bibliotheca Pública Pelotense, surgiram pela cidade de Pelotas diversos outros prédios em que “as fachadas eram ornadas com escadarias, colunas, frontões [...], ideias que vinham de longe, da Velha Europa, figurar materialmente na aparência dos edifícios” (p. 201). Essas características citadas pela autora refletem em muitos prédios do centro histórico da cidade de Pelotas, bem como no prédio da Prefeitura Municipal, fotografado por dois alunos.

A aluna F.L. também optou por fotografar o prédio da Prefeitura Municipal (FIGURA 12), mas preferiu fazê-lo a noite, com a justificativa que a iluminação que o prédio recebe neste horário o torna mais belo.

Ambos os alunos fotografam o prédio praticamente pelo mesmo ângulo, mostrando a parte frontal do prédio, que chama a atenção pelas tuas colunas de sustentação características da arte neoclássica, com forte influência europeia.

Por ser a sede administrativa do município, a pesquisadora questionou se algum dos alunos por algum motivo já havia estado do interior do prédio e todos responderam que não. A maioria dos alunos comentou que, com exceção da Biblioteca Pública Pelotense e do Mercado Central, nunca entraram em mais nenhum dos casarões históricos do centro da cidade de pelotas. E esse fato é comum de observar entre a maioria dos pelotenses, talvez porque não haja um forte incentivo a conhecer os prédios que são abertos ao público, ou simplesmente por

⁹ “Tanto nas construções civis quanto nas religiosas, a arquitetura neoclássica seguiu o modelo dos templos greco-romanos ou o das edificações do Renascimento italiano” Disponível em: < <http://www.historiadaarte.com.br/linha/neoclassicismo.html> > Acesso em 14 de abril de 2014.

¹⁰ José Izella Merote – engenheiro italiano que também projetou o prédio da Prefeitura Municipal de Pelotas.

haver poucas opções de prédios abertos, pois é possível notar que muitos prédios encontram-se desocupados e fechados à visitação.



FIGURA 12 - Prefeitura Municipal de Pelotas durante a noite.
(Autora: Aluna F.L.,2014)

Após a apresentação das fotografias do prédio da Prefeitura Municipal de Pelotas, o aluno D.N. apresentou sua fotografia, que apresenta o Chafariz Fonte das Nereidas (FIGURA 13), localizado no centro da Praça Coronel Pedro Osório.

O aluno justificou que considera toda a praça muito bonita, mas optou por fotografar somente o chafariz por ter ouvido dizer que o mesmo veio da França, fazendo relação a temática proposta para a atividade.

O chafariz fora mesmo importado da França, e inaugurado na praça em junho de 1873, com a finalidade de abastecimento de água à população do seu entorno, uma vez que naquela época ainda não havia água encanada nas residências. Atualmente o chafariz embeleza os jardins da praça e ao circular por este local percebe-se que o mesmo serve como ponto de encontro entre amigos.



FIGURA 13 - Chafariz Fonte das Nereidas, localizado no Centro da Praça Coronel Pedro Osório. (Autor: Aluno D.N., 2014)

A aluna G.A. também fotografou a Fonte das Nereidas, mas focando em uma das esculturas que compõem o chafariz (FIGURA 14). Essa é uma das quatro nereidas¹¹ montadas em cavalos que ornamentam o chafariz. De acordo Xavier (2006), “a natureza aquática das Nereidas também seria mais adequada para uma fonte de onde jorra água [...], portanto, o nome Fonte das Nereidas estaria bem aplicado” (p. 76).



FIGURA 14 – Detalhe do chafariz Fonte das Nereidas (Autora: Aluna G.A., 2014)

¹¹ “As Nereidas eram divindades da mitologia grega, que viviam no fundo do mar. Segundo a lenda, elas eram filhas de Nereu, o “velho do mar”, sendo veneradas por ajudarem os marinheiros em perigo. Geralmente, as nereidas, eram representadas com longos cabelos, montadas sobre golfinhos ou cavalos-marinhos e em alguns casos com a parte inferior do corpo semelhante a peixes” (XAVIER, 2006, p. 75).

Por fim, a aluna B.C. apresentou sua fotografia, a qual optou por fotografar a Praça Coronel Pedro Osório (FIGURA 15), sendo assim, a única da turma a não focar somente em um elemento como uma prédio ou chafariz. A aluna também foi a única que aplicou efeitos de edição à sua fotografia, com o auxílio do aplicativo Instagram¹².



FIGURA 15 – Praça Coronel Pedro Osório (Autora: Aluna B.C., 2014).

Na fotografia é possível observar parte das diversas árvores que compõem a praça, bem como bancos disponibilizados para a população. A praça Coronel Pedro Osório já foi conhecida como Praça do Teatro, Praça da Regeneração e Praça Dom Pedro II (MONQUELAT, 2015), e é popularmente conhecida como Praça do Redondo. Segundo Monquelat (2015), foi por volta do ano de 1961, quando a praça ainda era conhecida como Praça Dom Pedro II, que a câmara municipal começou a interessar-se pelo seu embelezamento e trata-la como um ponto de lazer. Esse embelezamento deu início, segundo o autor, principalmente pela instalação do Chafariz Fonte das Nereidas.

De acordo com Rosenthal & Santos (2013) os jardins da praça começaram a serem projetados no ano de 1877, para a realização destes serviço “a Câmara contratou o francês Achilles Beauvallet, floricultor negro habilitado e premiado em

¹² Aplicativo disponível apenas para celulares que permite editar fotografias e publicá-las em uma rede social de mesmo nome.

diferentes exposições francesas, que trabalhava na chácara¹³ de Aníbal Antunes Maciel, o Barão de Três Cerros” (p. 6). A forma como foi configurada a distribuição dos jardins e outros espaços da praça, como a colocação de um chafariz central, tem forte influência europeia e reflete a cultura da população de Pelotas no momento histórico em a praça foi projetada. De acordo com Rosenthal & Santos (2013):

O ajardinamento da Praça Coronel Pedro Osório seguiu a estética francesa, na qual os arbustos eram podados formando volumes diversos e os canteiros, com plantas e flores coloridas arranjados em simetria, compunham desenhos geométricos. Bancos de ferro foram dispostos nas alamedas para o descanso, o prazer e o ócio dos visitantes, para o “ver e ser visto” que se somava ao ritual cotidiano da burguesia pelotense da época (p. 7).

A apresentação das fotografias pelos alunos durou três períodos de quarenta e cinco minutos cada um. Após, em uma outra aula, os alunos foram orientados a pesquisar mais dados referentes a paisagem que retrataram, com a finalidade de construir uma legenda para a fotografia que seria exposta em uma mostra de trabalhos promovida pela escola em um sábado que faz parte do calendário escolar e é conhecido como Sábado da Solidariedade.

Nesse a escola fica aberta à comunidade para que conheçam as atividades desenvolvidas, bem como oferecer alguns serviços gratuitos em parceria com outras instituições, como corte de cabelo, verificação de pressão arterial, testes de visão, etc.

Os alunos foram orientados de que a legenda precisaria apresentar poucas linhas, mas que trouxesse informações importantes sobre a fotografia para que o indivíduo que estivesse a observando conseguisse contextualizá-la. Os alunos construíram as legendas com bases em informações obtidas por pesquisa na internet, através de seus celulares, e também nos três volumes dos livros “Pelotas – casarões contam sua história”, da autora pelotense Zênia de León, que foram levados pela professora para a sala de aula.

Essa etapa da atividade durou também dois períodos de aula de 45 minutos cada, até que os alunos conseguissem formular uma legenda que explicasse sobre a paisagem retratada de forma resumida, mas com as informações mais importantes.

¹³ Atual Parque da Baronesa.

Após a confecção das legendas, as mesmas foram digitalizadas em sala de aula, em dois notebooks em que os alunos revezaram para a utilização. Após a correção dos eventuais erros de ortografia, as legendas foram salvas para que fossem impressas, juntamente com as fotografias. Com as legendas e fotografias impressas em tamanho 21cm x 15cm, as mesmas foram coladas em um papel cartão preto, para que as bordas escuras destacassem o assunto retratado na fotografia.

A primeira intenção era construir um varal fotográfico com as fotografias produzidas pelos alunos no saguão da escola, nesse tipo de exposição, as fotografias são dispostas em varais de corda a uma altura de cerca de 1m50cm do chão, presas com pregadores de roupas, de forma que os visitantes possam circular pelos varais observando as imagens de forma confortável. Porém, na sexta-feira anterior ao Sábado da Solidariedade, ocorreu uma chuva muito forte, e devido a grande presença de goteiras no saguão, houve o receio de que a chuva se estendesse até o sábado e acabasse molhando e danificando as fotografias.

Diante disso, a direção da escola disponibilizou uma sala de aula para que as fotos fossem organizadas para a exposição (FIGURAS 16 e 17) que ocorreria no dia seguinte. As mesas e cadeiras foram retiradas da sala para facilitar a movimentação dos espectadores, as paredes da sala de aula foram forradas com papel pardo e as fotografias foram coladas agrupando as que retratavam o mesmo local, mas de um ângulo diferente. Os alunos ficaram na sala durante a exposição, conversando entre si e com os visitantes que tinham algum questionamento e também elogios quanto ao trabalho exposto.

Na aula seguinte a exposição, foi realizada uma conversa com os alunos, com a finalidade de conhecer as opiniões sobre a atividade desenvolvida. Todos os alunos elogiaram a atividade, comentando que gostaram de utilizar o celular “*para aprender*” e para conhecer melhor a cidade em que vivem. Um aluno destacou que sentiu-se “*importante*” por ter a sua fotografia exposta e elogiada por outros colegas e professores que prestigiaram a exposição. Sobre o questionamento se gostariam de realizar novamente uma atividade que envolvesse o uso do celular a resposta foi unânime: todos os alunos responderam que sim.



FIGURA 16 – Exposição das fotografias dos alunos em uma sala de aula.

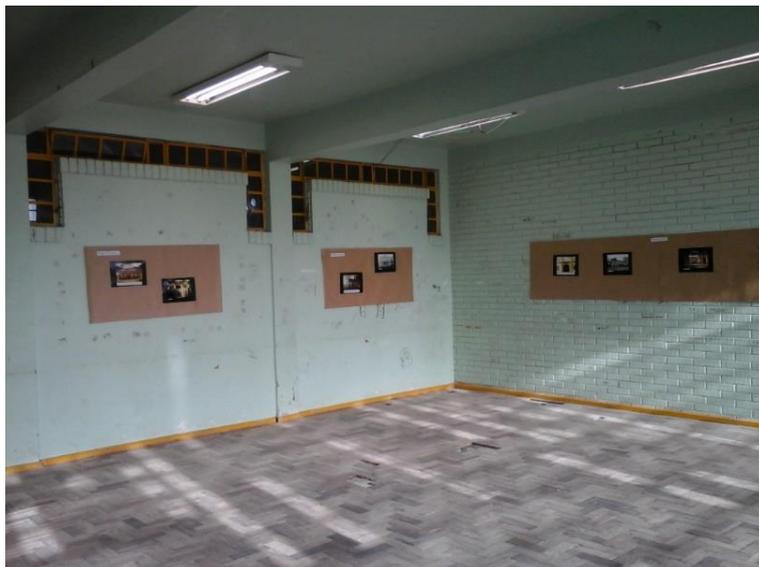


FIGURA 17 – Exposição das fotografias dos alunos em uma sala de aula.

Durante as apresentações das fotografias, foi possível notar que em praticamente todas as fotografias, com exceção da fotografia da aluna B.C (IMAGEM 15), os alunos não registraram paisagens mais amplas, mas sim buscaram focar em apenas um elemento da paisagem, que para eles se destacava.

Lacoste (2003), comenta que se observar os cartões postais de cidades, sempre há um isolamento dos monumentos históricos em primeiro plano, “de perspectivas que conduzem o olhar” (p. 136). Esse fato também é perceptível em materiais sobre Pelotas, tanto didáticos como de divulgação da cidade, fato que pode ter contribuído para que os alunos tivessem visões semelhantes a essa.

Também é importante destacar que alguns alunos fotografam os mesmos locais, mas apresentando ângulos e opiniões um pouco diferenciadas, pois “cada um vê a paisagem a partir de sua visão, de seus interesses, de sua concepção” (CALLAI, 2012, p. 83). Ou seja, mesmo a aparência da paisagem sendo única, a forma como cada indivíduo apreende o que está sendo representado é diferenciada, pois cada um tem a sua trajetória de vida e de saberes construídos que interferem na maneira em que observa determinadas situações.

Além das diferentes percepções sobre a paisagem, os alunos também trazem consigo diferentes conceitos sobre o que presenciam e observam no seu cotidiano. Desta forma, o papel do professor é de grande importância para auxiliar o aluno em direção a superação do senso comum, sendo que para isso “façam reflexões sobre o lugar como espaço de vivência, analisando a configuração histórica desses lugares para além de suas aparências (CALLAI, 2012, p. 89).

É importante também destacar aos alunos que “as paisagens trazem a marca das culturas e, ao mesmo tempo, as influenciam” (CLAVAL, 1999, p. 318). Ou seja, a paisagem pode apresentar elementos de diversas épocas, retratado como fora a cultura dos indivíduos que viveram naquele mesmo local, mas em um espaço de tempo diferente, como é o caso dos prédios fotografados pelos alunos, que representam a cultura da população pelotense na época em que foram construídos, mas ainda hoje influenciam as pessoas que convivem com essas construções, despertando os mais variados tipos de sentimentos. A paisagem, assim, agrega, “além de um valor afetivo, um sentido estético capaz de marcar no imaginário das pessoas a identidade do lugar” (CALLAI, 2012, p. 83).

O trabalho também buscou aproximar os alunos da Geografia da cidade em que vivem, através da análise da paisagens retratadas pelas fotografias. Spósito (2013), deixa claro em suas explicações que

Para entendermos uma cidade, não podemos nos limitar a apenas observar sua paisagem¹⁴, que pode mostrar sua beleza, sua grandiosidade ou sua insignificância em relação a outras cidades. Sua paisagem pode ser observada nas formas que são as ruas, moradias, edifícios, praças, topografia, etc. que se expressam diferenciadamente (p. 12-13).

¹⁴ Nesse contexto, o autor define paisagem em um glossário como “aparência visual ou percebida que lembra uma determinada área ou região” (SPÓSITO, 2013, p. 89).

Dessa forma, buscou-se contextualizar os elementos contidos nas fotografias em seus respectivos tempos históricos, tanto na época quando foram construídos, como no que representam nos tempos atuais para a população. Ou seja, superar a contemplação do que é visto como belo e situá-lo como algo importante no processo de construção da cidade e também no processo de ensino-aprendizagem da Geografia em sala de aula, mostrando que a cidade onde os alunos vivem precisa ser compreendida e analisada, para que também possa ser preservada e/ou transformada.

A paisagem “relewa não só as relações de produção da sociedade, a estrutura da sociedade, mas também revela o imaginário social, as crenças, os valores, os sentimentos das pessoas que a constroem”. (CAVALCANTI, 1998, p. 100), por motivos como esse, foi importante contextualizar o tempo histórico em que os elementos que compõem as paisagem fotografadas foram construídos, contribuindo para entender a diversidade cultural das pessoas que habitavam a cidade em tempos passados e que contribuíram para a formação cultural atual da população.

A fotografia foi escolhida para essa pesquisa com o intuito de sensibilizar para a percepção do entorno, retratando a realidade do cotidiano dos alunos dentro da sua cidade, possibilitando a construção de conhecimento geográfico. A fotografia mostra-se como um importante recurso na realização deste trabalho, pois ela:

Além de tornar-se uma lembrança dos locais por onde andamos, [...] pode ser entendida como uma fonte infinita de dados, fatos e informações, transformando-se por isso, em um poderoso instrumento de “materialização” de lugares nunca antes visitados por alguns (TRAVASSOS, 2001, p. 2).

Mesmo os alunos já conhecendo os locais retratados pelos demais colegas, a atividade foi de significativa importância para conhecer melhor estes locais, que fazem parte do cotidiano e parecem não portar sentido na construção do conhecimento em sala de aula por não fazer parte do currículo oficial. De acordo com Gomes, P. (2013, p. 115), “os temas, às vezes, bastante ordinários, tratados na paisagem, os lugares que conhecemos, pelos quais passamos, tudo isso ganha uma dimensão nova quando os vemos sobre um suporte imagético.

A fotografia, além de “tornar viva uma mensagem, de lhe dar cor e feição, ela aciona nossa afetividade e nossa emoção, orientando a tenção de nosso interlocutor” (COSTA, 2013, p. 83). Diante disto, possibilitar que o aluno fotografe o que ele gostaria de levar para discutir em sala de aula e mostrar aos seus colegas e

professores, é também possibilitar que o mesmo exponha os lugares pelos quais o aluno tem mais afeição, que fazem parte do seu espaço vivido.

Isso também é valorizar o cotidiano do aluno em sala de aula, dando oportunidades de expor os saberes e a trajetória que o mesmo carrega consigo, pois

A aprendizagem só será significativa quando a referência do conteúdo estiver presente no cotidiano da sala de aula, quando se considerar o conhecimento que a criança traz consigo, a partir da sua vivência. Essa prática deve ser incorporada ao cotidiano do professor para que sua aula seja mais democrática e respeitosa com a fala do aluno, caso contrário vamos aos poucos excluindo o aluno do processo de ensino e de aprendizagem (CASTELLAR, 2013, p. 188).

Sobre a utilização dos smartphones em sala de aula, estes mostraram-se como grandes aliados na atividade, pois além de despertar o interesse dos alunos, fez com que estes, ao levar para a sala de aula um material produzido por eles mesmo, se sentissem parte integrante do conteúdo trabalhado e do local onde vivem.

Os alunos puderam andar com o celular nas mãos durante a aula, mostrando as fotografias para os colegas e conversando sobre as suas funcionalidades. Esse fato favoreceu o envolvimento dos alunos com a atividade proposta, pois os mesmos são reprimidos a quase todo o momento por utilizarem o celular na escola.

A inserção das tecnologias no processo de ensino-aprendizagem são de grande importância para que a escola acompanhe as modificações que estão acontecendo de maneira constante na vida cotidiana. Atualmente, “a mídia¹⁵ exerce forte influência sobre a sociedade a ponto de ser responsável, em grande parte, pela identidade de nossos alunos” (STEFANELLO, 2008, p. 116) por isso a escola não deve privar a utilização das novas tecnologias, e sim inseri-las no processo de ensino-aprendizagem de forma a orientar o aluno na sua utilização e construção do seu conhecimento

Mais do que uma atividade para analisar paisagens, o trabalho também mostrou-se como um exercício de ouvir um ao outro, tanto os alunos ouvirem-se entre si, como para a professora-pesquisadora ouvir as opiniões e conhecer os saberes que os alunos carregam sobre o município em que vivem, com a finalidade de construir novos conhecimentos sobre o que já se sabe previamente.

É importante não só ouvir, mas também provocar a fala dos alunos, sem tomar nada como errado, pois o que pode parecer um erro para o professor, para o

¹⁵ Como mídia a autora destaca GPS, recursos de multimídia, softwares, internet, etc.

aluno “pode ser um caminho, um ponto de partida para o seu entendimento” (KAERCHER, 2012, p. 118) e corrigi-lo diante da turma pode ser algo que limite de expor suas ideias e opiniões em outros momentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse momento, convém lembrar que o objetivo geral traçado para a pesquisa foi o de investigar como a paisagem pode ser trabalhada em sala de aula através de fotografias produzidas pelos próprios alunos com as câmeras de seus celulares smartphones, ressaltando a importância desse tipo de atividade para o processo de ensino-aprendizagem da Geografia. Objetivo este, que dentro da realidade da escola, foi atingido, pois houve envolvimento de todos os alunos, que fotografaram elementos que compõem a paisagem da cidade e apresentaram em aula, superando os desafios de falar diante dos colegas, pois não era habitual no cotidiano escolar dos mesmos.

Quanto a proposta de utilizarem seus smartphones para fotografarem a paisagem, esta se tornou interessante, pois foi possível conhecer quais as principais utilizações que os jovens, sujeitos da pesquisa, fazem dos seus celulares. Além de contribuir para o envolvimento de todos, como já citado, os celulares permitiram fotografar paisagens distantes da escola e levá-las facilmente para serem analisadas em sala de aula.

A utilização dos celulares contribuiu de forma significativa para o envolvimento dos alunos, pois a escola proíbe a utilização destes equipamentos em aula. Mostrar que essas tecnologias podem ser utilizadas como recurso na aprendizagem torna-se importante para uma reflexão sobre as inúmeras possibilidades de sua inserção em sala de aula.

Quanto a metodologia adotada para a pesquisa, observa-se que a mesma foi apropriada para a situação, pois, como pesquisa-ação, buscou-se intervir no meio no qual a pesquisa foi desenvolvida, procurando atuar na forma de pensar dos sujeitos envolvidos.

O celular, visto como um vilão por parte de alguns professores, foi utilizado como ferramenta no processo de ensino-aprendizagem, mostrando que o mesmo pode ser incorporado em sala de aula de maneira produtiva, não só utilizando

fotografias e pesquisa na internet, como também calculadora, música, mapas, textos, redes sociais, etc.

Apesar dos problemas enfrentados ao longo do percurso, como a falta de estrutura da escola para a realização de um outro tipo de exposição fotográfica e indisponibilidade de internet no laboratório de informática da escola, foi possível avaliar de forma positiva a articulação entre o ensino de Geografia e a utilização dos smartphones como uma ferramenta para registrar paisagens e analisá-las em sala de aula. Pois os alunos também não viam o celular como uma ferramenta que pudesse ser utilizada na construção de conhecimento, principalmente sobre a cidade em que vivem, que parece distanciada do conhecimento produzido em sala de aula.

A realização da exposição das fotografias também foi de relevante importância para o processo, pois serviu como uma maneira de valorizar o material e o conhecimento produzidos pelos alunos. Durante a exposição, tanto a professora quanto os alunos foram elogiados por outros professores, colegas e demais visitantes que estavam na escola, por ser um trabalho diferenciado do que a maioria está habituada a realizar. Assim como já citado anteriormente, alguns alunos comentaram que sentiram-se “importantes” por terem suas fotografias expostas e receberem vários elogios.

Porém, durante a pesquisa, surgiram questionamentos, tanto quanto a metodologia, como outras atividades que poderiam ser incorporadas de maneira a contribuir para o processo de análise das fotografias, mas que não puderam ser abarcadas em virtude do curto espaço de tempo. Mas estas sugestões serão contempladas em um possível seguimento da pesquisa, pois a mesma pode ser sim ampliada e modificada.

Este trabalho não pretende de forma alguma esgotar as inúmeras formas de se trabalhar com os celulares em sala de aula e sim mostrar que há um considerável recurso didático disponível que pode ser utilizado como um meio no processo de construção do conhecimento, mas que ainda é pouco explorado pelos professores.

Durante todo o processo, foi possível perceber o entusiasmo dos alunos na realização das atividades e a participação efetiva de todos nas etapas da pesquisa. Um dos fatos mais relevantes foi que todos fotografaram lugares pelos quais nutrem sentimentos, mostrando interesse em analisar aqueles locais, ou seja, dar significado àquilo que parece não portar sentido por não ser trabalhado de forma constante dentro do ensino escolar.

Quanto ao ensino e a pesquisa na área da Geografia, a presente pesquisa visou contribuir para ressaltar a importância do processo de ensino-aprendizagem voltado ao cotidiano do aluno, com a finalidade de dar sentido ao que parece não ter importância por não fazer parte do currículo oficial, ressaltando também a importância da inserção de novas tecnologias para contribuir com um maior envolvimento dos alunos e avançar na discussão de novos recursos que possam contribuir ao ensino da disciplina.

Além de auxiliar o alunos na compreensão sobre o local onde residem, o trabalho com um material didático produzidos por eles mesmos, com assuntos escolhidos de acordo com as suas vontades, resalta a importância do seu cotidiano e dos conhecimentos que os alunos já carregam consigo. Valorizar o saber do aluno e a sua realidade é também situar o aluno dentro do seu espaço, demonstrando que ele é importante e exerce um papel dentro da sociedade na qual está inserido, e isto é essencial para a construção da sua cidadania.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB'SÁBER, Aziz Nacib. **Os domínios de natureza do Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Caminhos e descaminhos da geografia**. Campinas: Papirus, 1989.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: geografia**. Brasília: MEC/SEF, 2000.

CALLAI, Helena Copetti & ZARTH, Paulo Afonso. **O estudo do município e o ensino de História e Geografia**. Ijuí: UNIJUÍ, 1988.

CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (org.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2012.

_____. Estudar a paisagem para aprender geografia. In: PEREIRA, Marcelo Garrido. **La opacidad del paisaje: formas, imágenes y tiempos educativos**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2013.

CASTELLAR, Sônia Vanzella. A escola, a formação docente e o ensino das paisagens. In: PEREIRA, Marcelo Garrido. **La opacidad del paisaje: formas, imágenes y tiempos educativos**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2013.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Apreensão e compreensão do espaço geográfico. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (org.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2012.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 1998.

_____. **A geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas: Papirus, 2008.

_____. **O ensino de Geografia na escola**. Campinas: Papirus, 2012.

COSTA, Cristina. **Educação, imagens e mídias**. São Paulo: Cortez, 2013.

CLAVAL, Paul. **A Geografia cultural**. Florianópolis: UFSC, 1999.

DANTAS, Eugênia Maria. **Memória, educação, fotografia: leituras complexas**. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/0209t.PDF>>
Acesso em: 10 de julho de 2014, às 14h25min.

DEFFUNE, Gláucia & LIMA, Maria das Graças. Para muito além de uma analogia... a escola como um mapa, e a disciplina de geografia como um território. In: **Geoingá: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia**. v. 5, n. 2. ISSN 2175-862X. Maringá, 2013.

ENGEL, Guido Irineu. Pesquisa-ação. In: **Educar**. n. 16. Curitiba: UFPR, 2000.

GENTILINI, João Augusto. Computadores, informática e educação: questões sobre a gestão de programas de inclusão digital no Brasil. In: VALLE, Luiza Elena L. Ribeiro do; et al. (org.). **Educação digital: a tecnologia a favor da inclusão**. Porto Alegre: Penso, 2013.

GHEDIN, Evandro & FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. São Paulo: Cortez, 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **O lugar do olhar: elementos para uma geografia da visibilidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

GOMES, Romeu. A análise dos dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 27 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

GUREVICH, Raquel. Geografías para leer, mirar y viajar. La noción de paisaje en análisis y experiencias. In: PEREIRA, Marcelo Garrido. **La opacidad del paisaje: formas, imágenes y tiempos educativos**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2013.

JUSTINIANO, Eduardo Félix. Técnicas de fotografia. IN: VENTURI, Luis Antonio Bittar (org.). **Geografia: prática de campo e laboratório e sala de aula**. São Paulo: Editora Sarandi, 2011.

KAERCHER, Nestor André. Geografizando o jornal e outros cotidianos: práticas em Geografia para além do livro didático. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (org.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2012.

LACOSTE, Yves. A quoi sert le paysage? Qu'est-ce qu'un beau paysage? In: ROGER, Alain (sous la direction). *La théorie du paysage em France (1974-1994)*. Seyssel: Éditions Champ Vallon, 1995. (Collection Pays/Paysages). Tradução: VENTURI, Luis Antonio Bittar. In: **Boletim Paulista de Geografia**. N. 79. São Paulo, 2003.

LEÓN, Zênia de. **Casarões contam sua história**. Vol.1, 2ª edição, Pelotas: Editora Livraria Mundial, 2011.

_____. **Casarões contam sua história**. Vol.2, 2ª edição, Pelotas: Editora Livraria Mundial, 2013.

LOPES, Alice Ribeiro Casimiro. Conhecimento escolar: ciência e cotidiano. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

MONQUELAT, Adão Fernando. As praças de Pelotas e suas histórias: século XIX. Pelotas: Mundial, 2015.

MONQUELAT, Adão Fernando & ALMEIDA, Guilherme Pinto. Pelotas no tempo dos chafarizes. Pelotas: Mundial, 2012.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **Pequena História Crítica**. São Paulo: HUCITEC, 1983.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2008.

PEREZ, José Roberto Rus & SILVA, Fabrício de Paula. Os computadores na educação: uma revisão da pesquisa internacional. In: VALLE, Luiza Elena L. Ribeiro do; et al. (org.). **Educação digital: a tecnologia a favor da inclusão**. Porto Alegre: Penso, 2013.

PONTUSCHKA, Nidia Nacib, PAGANELLI, Tomoko Iyda & CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2009.

RIO GRANDE DO SUL. **Lei 12.884**, de 3 de janeiro de 2008.

ROSENTHAL, Mariane D'Ávila & SANTOS, Carlos Alberto Ávila. Jardins públicos e privados de pelotas nos fins do século XIX e início do XX. In: **Seminário de História da Arte** - Centro de Artes. v. 3, n. 1. Pelotas: UFPel, 2013.

RUIZ, João Carlos. **Geografia em escala local: um estudo de caso do Município de Cambira**. Orientadora: Profa. Dra. Eloíza Cristiane Torres. Conclusão do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE. Londrina: UEL, 2008.

SACCOL, Amarolinda Zanela & REINHARD, Nicolau. Tecnologias de Informação Móveis, Sem Fio e Ubíquas: Definições, Estado-da-Arte e Oportunidades de Pesquisa. In: **RAC**. V. 11, n. 4. p. 175-198. 2007.

SACCOL Amarolinda Zanela; SCHLEMMER Elaine; BARBOSA Jorge. **m-learning e u-learning – novas perspectivas da aprendizagem móvel e ubíqua**. São Paulo: Pearson, 2011.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. 2ª Edição. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** Rio de Janeiro: Record, 13 ed. 2006.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Cortez, 2008.

SCHÄFFER, Neiva Otero. **Ler a paisagem, o mapa, o livro... Escrever nas linguagens da geografia.** In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt et. al. (org). *Ler e escrever. Compromisso de todas as áreas.* Porto Alegre: UFRGS, 2000. (p. 84 – 101).

SIQUEIRA, Ethevaldo. **Para compreender o mundo digital.** São Paulo: Globo, 2008.

SPÓSITO, Eliseu Savério. **A vida nas cidades.** São Paulo: Contexto, 2013.

STEFANELLO, Ana Clarissa. **Didática e avaliação da aprendizagem no ensino de Geografia.** Curitiba: Ibpex, 2008.

TAPSCOTT, Don. **A hora da geração digital: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas ao governo.** Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.

TRAVASSOS, Luiz Eduardo Panisset. A fotografia como ferramenta de auxílio no ensino da Geografia. In: **Revista de Biologia e Ciências da Terra.** 2001.

VIANA, Claudemir Edson. BERTOCCHI, Sônia. **Pelo celular...lá na escola!** Mobilidade e convergências nos projetos pedagógicos. Texto extraído do Portal Educaredes (Boletim - 16/12/2009). Disponível em: <<http://www.cidadaopg.sp.gov.br/portal/atualidades/exibir/582>> Acesso em: Maio de 2014.

WETTSTEIN, Germán. O que se deveria ensinar hoje em Geografia. In: OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (org.). **Para onde vai o ensino de Geografia?** São Paulo: Contexto, 2012.

XAVIER, Janaína Silva. **Chafarizes e caixa d'água de Pelotas: elementos de modernidade do primeiro sistema de abastecimento (1871).** Monografia. Curso de Pós Graduação em Artes – Patrimônio Cultural e Conservação de Artefatos. Orientadora: Professora Carmen Regina Bauer Diniz. Pelotas: IAD – UFPEL. 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – Termo de consentimento

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GEOGRAFIA



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

O(a) seu(a) filho(a) está sendo convidado para participar de uma pesquisa sobre o uso de aparelhos celulares (smartphones) como instrumento didático no estudo de Geografia.

Sua participação não é obrigatória, podendo desistir de participar e retirar seu consentimento a qualquer momento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder um questionário sobre os hábitos de utilização dos telefones celulares. Após, serão realizadas oficinas em aula nos períodos correspondentes à disciplina de Geografia.

Esta pesquisa não oferece risco aos alunos. E o benefício relacionado com a sua participação é uma expansão no seu conhecimento sobre a Geografia, principalmente sobre a cidade de Pelotas.

As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre a participação dos alunos.

Pesquisadora: Ires de Oliveira Furtado
Licenciada em Geografia pela UFPel.
Especialista em Educação pelo IFSul/Campus Pelotas.
Mestranda em Geografia da UFPel
iresfurtado@gmail.com

Autorização

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação do(a) meu(a) filho(a) nesta pesquisa e concordo em deixá-lo(a) participar.

Assinatura da Mãe, do Pai ou do Responsável.

APÊNDICE 2 – Questionário aplicado aos alunos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO ACADÊMICO EM GEOGRAFIA



QUESTIONÁRIO SOBRE O USO DE CELULARES/SMARTPHONES

1. Dados Pessoais

Idade: _____
Data de Nascimento: ____/____/_____
Ano: _____ Turma: _____
Sexo: () Feminino () Masculino

2. Atualmente você possui telefone celular?

() Sim () Não

Qual a marca? _____ Qual o modelo? _____

Possui internet móvel?

() Sim () Não

3. Com que frequência você utiliza as seguintes funções do seu celular:

Função	Com muita frequência	Frequentemente	Pouca frequência	Nunca
Chamadas de voz				
Mensagens de texto				
Jogos				
Rádio				
Ouvir música				
Fotografar				
Filmar				
Calendário				
Relógio				
Agenda				
Despertador				
Navegar na Internet				

4. Você gostaria de utilizar o seu telefone celular para a construção do conhecimento de Geografia em sala de aula?

() Sim
() Não

ANEXOS

ANEXO 1 – Plano de trabalho docente para o nono ano do ensino fundamental

Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa senhora dos Navegantes
Plano de Trabalho docente
Ano Letivo – 2014

1) Dados de Identificação

1.1 Disciplina: Geografia

1.2 Série/ano: 9º ano

1.3 Turmas: 91

1.4 Turno: Manhã

2) Objetivos da Escola

Instrumentalizar os educandos, com vistas a sua efetiva participação no processo de construção e reconstrução do conhecimento, visando o saber e a preservação da cultura local e em consequência, interagir na sociedade como agentes de mudança.

Conteúdos:

	1º tri	2º tri	3º tri
Características gerais do continente asiático	X		
Colonização da Ásia	X		
Leste Asiático	X		
Sudeste Asiático	X		
Ásia Central	X		
Ásia Meridional	X		
Oriente Médio	X		
Características gerais do continente europeu		X	
Formação da Europa contemporânea		X	
Europa Ocidental		X	
Europa Oriental e Rússia		X	
Influências europeias no Brasil		X	
Características gerais da Oceania			X
Colonização da Oceania			X
Regiões Polares: características gerais			X
Antártida			X

Bases de pesquisa científica na Antártida			X
Questões ambientais na Antártida			X

Avaliação:

Os valores adotados pela escola segundo seu regimento são os seguintes:

1º trimestre: 20 pontos

2º trimestre: 30 pontos

3º trimestre: 50 pontos

Somando um total de 100 pontos com mínimo de 60 pontos para aprovação.

Quanto aos estudos de recuperação, serão oferecidos ao longo do processo de ensino aprendizagem aos alunos que necessitem suprir possíveis deficiências de aprendizagens.

A escola oferece ainda, ao final dos 3 trimestres, recuperação final para os alunos que não alcançaram os sessenta pontos necessários para aprovação. Nesta etapa de recuperação o aluno será avaliado numa escala de zero a cem (0 a 100), considerando-se aprovado aquele aluno que somar o total de pontos dos três trimestres com o resultado desta etapa final e dividido por dois (2) obtiver um resultado igual ou superior a cinquenta (50) Pontos.

**ANEXO 2 – Conteúdos programáticos para as séries finais do ensino fundamental
de 9 anos**

CONTEÚDOS 6º ANO

- **Paisagem e Lugar:**

- Paisagem;
- Lugar;
- Espaço Vivido;
- Espaço Geográfico.

- **Orientação e Localização:**

- Orientação (Rosa dos Ventos);
- Localização;
- Coordenadas Geográficas.

- **Orientação Cartográfica:**

- O que são mapas;
- Convenções Cartográficas;
- Elementos presentes no mapa;
- Representações Cartográficas;

- **Planeta Terra:**

- Sistema Solar;
- Movimentos Terrestres;
- Fusos Horários;
- Estações do Ano.

- **Crosta Terrestre:**

- Estrutura da Terra;
- Litosfera;
- Tipos de Rochas;
- Formação dos Solos.

- **Relevo:**

- Agentes Externos;
- Ação humana sobre o relevo;
- Agentes Internos;
- Deriva Continental;
- Placas Tectônicas;
- Principais unidades de relevo;
- Relevo do Brasil.

- **Hidrosfera;**

- Ciclo da Água;
- Distribuição das águas;
- Utilização das águas;
- Importância da preservação;

- **Atmosfera:**

- Camadas e composição;
- Elementos atmosféricos;
- Tempo atmosférico e clima;
- Principais tipos de climas;
- Poluição atmosférica;

- **Biosfera:**

- Elementos da biosfera;
- Tipos de vegetação;
- Ação humana.

CONTEÚDOS 7º ANO

- **Território Brasileiro:**

- Características gerais do Brasil;
- Formação do território;
- Divisão política;
- Divisão por regiões.

- **População Brasileira:**

- Formação étnica;
- Distribuição da população;
- Dinâmica da população;
- Migrações.

- **Trabalho e Sociedade:**

- População Economicamente Ativa (PEA);
- Desemprego.
- Escolaridade;
- Condições de vida, PIB e IDH.

- **Brasil Rural:**

- Características gerais;
- Agricultura;
- Pecuária;
- Concentração de terras e reforma agrária.

- **Industrialização;**

- Primeiras indústrias;
- Industrialização atual;
- Indústria nacional;
- Mineração;
- Siderurgia;
- Indústria de bens de consumo;
- Concentração industrial.

- **Urbanização do Brasil:**

- Movimentos migratórios;
- Principais metrópoles;
- Crescimento urbano;
- Redes de transportes e comunicação;

- **Regionalização Oficial do IBGE:**

- Região Sudeste;
- Região Sul;
- Região Sudeste;
- Região Norte;
- Região Centro-Oeste;
- Região Nordeste.

CONTEÚDOS 8º ANO

- **Mundo atual:**

- Crescimento e distribuição da população mundial;
- Estrutura etária da população;
- Principais desafios ambientais;

- **Regionalizações do mundo:**

- Continentes;
- Primeiro, Segundo e Terceiro Mundo;
- Países do Norte e Países do Sul;
- Países Ricos e Países Pobres.

- **Globalização:**

- Definição;
- Transformação do espaço geográfico;
- A era técnico-científico-informacional;
- Características do comércio mundial;
- Organização Mundial do Comércio (OMC);
- Blocos Econômicos;
- Efeitos sociais, econômicos e ambientais da Globalização;

- **América:**

- Divisões do continente americano;
- Povos pré-colombianos;
- Colonização da América;
- Características naturais da América;
- América do Norte: características gerais;
- América do Sul: características gerais;
- América Central: características gerais;

- **África:**

- Divisão da África;
- Características naturais do continente africano;
- A partilha da África;
- África Setentrional: características gerais;
- África Subsaariana: características gerais.

CONTEÚDOS 9º ANO

- **Ásia:**
 - Características gerais do continente asiático;
 - Aspectos físicos da Ásia;
 - Colonização;
 - Leste Asiático;
 - Sudeste Asiático;
 - Ásia Central;
 - Ásia Meridional;
 - Oriente Médio.
- **Europa:**
 - Características gerais do continente europeu;
 - Aspectos físicos da Europa;
 - Formação da Europa contemporânea;
 - União Europeia;
 - Europa Ocidental;
 - Europa Oriental e Rússia;
 - Influências europeias no Brasil.
- **Oceania:**
 - Características gerais da Oceania;
 - Aspectos físicos da Oceania;
 - Colonização.
- **Regiões Polares:**
 - Características naturais;
 - Bases de pesquisa científica;
 - Questões ambientais.